

**Educação Musical no 2º Ciclo:
A Flauta de Bisel como instrumento motivador para os
alunos**

Filomena da Conceição Macedo Rodrigues

**Relatório de Estágio de Mestrado e Ensino de Educação
Musical no Ensino Básico**

Outubro, 2017

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico (2º ciclo), realizado sob a orientação científica da Professora Isabel Maria Lopes Figueiredo, Professora Auxiliar convidada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e do Professor João Nogueira, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Agradecimentos

Aos professores João Nogueira, Isabel Figueiredo e Helena Rodrigues todos os ensinamentos, a ajuda e disponibilidade dispensada para a realização deste relatório.

Ao professor Pedro a forma simpática como me recebeu, a partilha de conhecimentos, ao convívio e a variedade de atividades que me proporcionou ao longo do estágio.

À minha colega e amiga Joana pela paciência, disponibilidade companheirismo, partilha e ensinamentos ao longo dos 9 meses de estágio.

A todos os meus colegas de mestrado os momentos de partilha e ensinamentos, especialmente a Diana, minha colega de licenciatura e amiga.

Ao meu cunhado Carlos Cardoso todas as ajudas na recolha de materiais e nos conselhos sempre sábios.

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos o carinho e a paciência que sempre me dedicaram.

Ao meu filho por fazer parte da minha vida.

Dedico este trabalho à minha mãe.

Resumo

O presente relatório incide sobre a Prática de Ensino Supervisionada realizada no âmbito do Mestrado de Ensino de Educação Musical do 2º Ciclo do Ensino Básico, com intenção de descrever as atividades desenvolvidas ao longo dos 9 meses de estágio, com as 9 turmas, realizado no ano letivo de 2016/2017, de um modo reflexivo e crítico sobre o uso da flauta de bisel, as metodologias e a sua importância como instrumento motivador para uma maior participação dos alunos em sala de aula, podendo assim dar o meu contributo para a prática instrumental na disciplina de Educação Musical.

Este relatório está dividido em quatro partes. A primeira parte dedica-se à contextualização do ensino da música em Portugal e os Princípios Orientadores e Objetivos da Educação Musical. A segunda parte debruça-se sobre a contextualização e caracterização da escola onde foi realizado o estágio. A terceira parte descreve a Prática do Ensino Supervisionada com as aulas assistidas e as aulas lecionadas e todas as práticas letivas vividas durante o estágio. A quarta parte será uma reflexão sobre a minha participação no projeto de investigação: “Que canção cantar para educar?”. Ao longo destes quatro momentos abordarei o papel da flauta de bisel.

Palavras-chave: Educação Musical, Flauta de bisel, Motivação.

Abstract

This report focuses on the Supervised Teaching Practice carried out within the scope of the Master's Degree in Musical Education Teaching, of the 2nd Cycle of Basic Education, with the intent of describing, in a reflexive and critical way, the activities developed during the 9-month traineeship, with the 9 taught classes; carried out during the 2016/2017 school year, on the use of the Bevel flute, the methodologies, and their importance as a motivational tool for a greater participation of the students in the classroom, thus being able to contribute to the instrument practice within the Musical Education class.

This report is divided into four parts. The first part is devoted to the contextualization of music teaching in Portugal and the Guiding Principles and Objectives of Music Education. The second part deals with the contextualization and characterization of the school where the internship was held. The third part describes the Practice of Supervised Teaching with the classes attended and the classes taught and all the learning practices during the internship. The fourth part will be a reflection on my participation in the research project: "What song to sing to educate?" Through these four moments I will address the role of the bevel flute.

Key words: Music Education, Bevel Flute, Motivation.

Índice

Introdução.....	1
1. A Educação Musical em Portugal	3
1.1 UMA COMPOSIÇÃO CHEIA DE NOTAS SOLTAS	3
1.2 Princípios Orientadores e Objetivos da Educação Musical no 2º Ciclo.....	5
Educação Musical	5
2. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada	7
2.1 Caracterização da escola onde se realizou o estágio.....	7
3. Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada	11
3.1 Aulas observadas.....	13
3.2 Aulas observadas numa escola de Alverca.....	21
3.3 Aulas lecionadas em par pedagógico	24
3.4 Participação em situações de avaliação intercalar, de período e finais.....	29
3.5 Aulas lecionadas ao 5º B e ao 6º A	31
3.6 Atividades Extracurriculares:	40
3.6.1 Concerto de Natal	40
3.6.2 Almoço convívio de Natal do Agrupamento	41
3.6.3 Projeto Tartaruga – Museu de Marinha.....	41
3.6.4 Projeto “Bandas de Garagem”- Apresentações:	43
3.6.5 Entrega dos diplomas de mérito.....	44
3.6.6 I Encontro de Educação Musical de Cascais.....	44
3.6.7 Festa do dia do Agrupamento	45
3.6.8 Festa de finalistas de alunos do 1º ciclo.....	46
4. Participação no Projeto de Investigação “Qual o valor didático de uma canção para os alunos do 2º Ciclo?”	46
Reflexão crítica e conclusão	48
Anexos.....	53
Anexo 1	54
Anexo 2	58
Anexo 3	86
Anexo 4	111

Anexo 5	132
(Anexos Ilustrados)	132

Lista de siglas e abreviaturas

ASE – Alunos subsidiados pela Ação social

CEI – Currículo específico individual

DT – Diretor de turma

CPLP – Comunidade dos países de Língua Portuguesa

EB1 – Escola Básica 1

NEE – Necessidades educativas especiais

PES – Prática de ensino supervisionado

PREC – Processo revolucionário em curso

SOA – Sala de ocupação de alunos

TEIP - Território de intervenção prioritário

UAAM – Unidade de alunos com multideficiência

Introdução

O presente relatório está inserido no âmbito do Mestrado de Ensino da Prática de Ensino Supervisionado em Educação Musical no Ensino Básico, para o 2º Ciclo da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Este trabalho pretende descrever a experiência educativa vivida na primeira pessoa ao longo dos nove meses de estágio numa escola pública do concelho de Oeiras no ano letivo 2016/2017. A observação de algumas aulas do professor cooperante com turmas mais desmotivadas e o recurso à flauta de bisel para os cativar, levou-me a refletir sobre a importância e utilidade da prática instrumental, como forma de motivação dos alunos. Daí ter escolhido como título do meu trabalho “A flauta de Bisel como instrumento motivador dos alunos”. Para além do mais, para a maior parte destes alunos será este o instrumento o mais acessível economicamente e há que os apetrechar com as ferramentas necessárias para que possam eles próprios descobrir motivações futuras.

O relatório está organizado em quatro partes.

Na primeira parte é feita uma breve contextualização do ensino da música em Portugal, seguida dos Princípios Orientadores e Objetivos da Educação Musical no 2º Ciclo do Ensino Básico.

A segunda parte está relacionada com a prática pedagógica no local do estágio. Nela será feita a caracterização da escola em que se realizou, nomeadamente a sua inserção social na comunidade; as turmas do 2º ciclo; a sala onde decorreram as aulas; os materiais que estão ao dispor do professor; a relação com os alunos, incluindo a experiência vivida muito de perto a caminho do local de estágio.

A terceira parte descreve a experiência vivida em sala de aula com as nove turmas do 2º ciclo do ensino básico, umas sobre as aulas observadas e outras sobre as aulas lecionadas pela estagiária; os objetivos e as dificuldades em realizá-los em contexto de aprendizagem; os métodos utilizados; os materiais; a relação com os alunos; as aulas dadas em Par Pedagógico com a minha colega de estágio; a minha participação nas “Bandas de Garagem”; a participação no Concerto Pedagógico -

Projeto Tartaruga da Banda da Armada Portuguesa, a participação na festa de finalistas de alunos do 4º ano de uma escola do 1º Ciclo que faz parte do agrupamento; as reuniões intercalares; a participação nos conselhos de turma ao longo dos três períodos letivos; as acessórias com um aluno da Unidade de Apoio a Alunos com Multideficiência (UAAM); a relação com o corpo docente e não docente e os vários aspetos que se depreendem da prática educativa. Também será descrita a experiência vivida numa escola pública de Alverca com alunos do 2º e 3º ciclo. Pretende-se com isto gerar não só uma atitude reflexiva, mas também questionadora da prática pedagógica atual, abrindo a discussão a alguns aspetos que, se aprofundados, poderiam levar a distintos projetos de investigação. Em anexo é possível consultar planificações de aulas dadas por mim e aulas dadas em “Par Pedagógico” com a minha colega de estágio, partituras e letras das canções cedidas pela Banda da Marinha, assim como as canções de Natal.

A quarta parte aborda a componente não letiva, desenvolvida na FCSH, em contexto de seminário, tendo em vista a elaboração de um projeto de investigação. Pretende-se perceber as opções pedagógicas assumidas pelos docentes por determinadas canções em detrimento de outras, presentes nos manuais que servem de base para o ensino nas aulas. O projeto de investigação é direcionado para o 2º ciclo de estudos e aborda o tema “Que canção cantar para educar?”, sob a orientação do Professor João Nogueira.

1. A Educação Musical em Portugal

1.1 UMA COMPOSIÇÃO CHEIA DE NOTAS SOLTAS

Segundo Graça Mota (2014), a implementação da educação musical em Portugal pode, de grosso modo, dividir-se em dois grandes períodos, divididos pela conquista da democracia em 25 de Abril de 1974. Uma divisão forçosamente esquemática, pois a dinâmica existente em cada um desses períodos não foi igualmente igual.

Numa primeira fase, pode remeter-se a génese do ensino da música a 1835, ou seja, há menos de duzentos anos. E há um nome alto da nossa cultura, Almeida Garrett, criador do Conservatório Real, mais tarde designado por Conservatório Nacional. Ponto de partida e de concentração pois durante cerca de 80 anos foi praticamente o único espaço onde teve lugar o ensino da música.

Uma outra data a assinalar é a de 1878, quando o Canto Coral passou a fazer parte do ensino primário, numa lógica patrioteira, de contribuir, a partir da base, para a criação de cidadãos alicerçados em altos valores nacionais.

Apesar das declarações, e, em termos práticos o ensino da música era totalmente incipiente, para não dizer nulo. E, principalmente, como aconteceu após o golpe de 28 de Maio de 1926 e a instauração da ditadura, tipicamente instrumental ou instrumentalizado, ou seja, colocado ao serviço de um objectivo nacionalista e não encarado como motor de desenvolvimento criativo e estético das crianças e jovens.

Só em 1973, com a realização da reforma educativa, o ensino da música assumiu, pela primeira vez, um outro papel. Para isso terá contribuído a presença em Portugal de destacados especialistas da matéria e o papel que a própria Fundação Gulbenkian desempenhou, com a realização de um conjunto de actividades que permitiram novos olhares sobre a importância da educação musical. Correspondeu a este período o adeus ao canto coral, como sistema único de ensino musical, e a afirmação de uma noção que afirmava a necessidade de uma prática de ensino, que não meramente teórica.

Liberdade e música

O grande salto, porém, tem lugar após o 25 de Abril de 1974. A música teve um papel importante no PREC, assistiu-se a fusões musicais, a novas experiências. Os debates sobre a importância do ensino musical aumentaram, chocaram opiniões, concepções, numa lógica imparável a de que o ensino musical não podia ser encarado como algo que devia ficar no último lugar das escolhas e de que a música poderia assumir um papel importante na melhoria dos níveis pedagógicos e na aprendizagem dos alunos.

Ao discutir-se o ensino da música, abordou-se não apenas do ponto de vista do aluno, mas também, necessariamente, do ponto de vista do profissional a quem compete concretizar esse ensino, das características que deve assumir, das exigências de que deve estar dotado.

Foi um caminho, apesar de muitos percalços pelo meio, ascendente, em que se passou de uma situação básica, em que os professores do ensino básico, apetrechados de poucos meios teóricos, davam algumas noções musicais à construção de profissionais dotados de um conhecimento teórico e prático profundo, ao nível do mais alto nível académico.

Um caminho que passou, também, por divisões específicas, entre a educação musical para todos e a educação musical em ensino especializado.

Neste percurso, o ensino da música foi sendo sucessivamente alargado. Por exemplo, em 1986 o Ministério da Educação já consagrava o ensino da música ao final da escolaridade básica, ou seja, o 9º ano, sendo a educação musical dada nos três níveis de ensino de forma diferenciada. É necessário, reconhecer, porém, que o ensino musical ao não ter lugar com a homogeneidade necessária nos diversos ciclos, leva a que, infelizmente, no conjunto do sistema pedagógico, se torne ainda residual.

Neste percurso ainda há a reter o surgimento do ensino profissional de música em 1989 e a criação de escolas profissionais de música.

Por outro lado, deu um salto importante a exigência de qualidade científica aos professores a quem compete o ensino da música. Teve impacto o processo de Bolonha em Portugal (1999) que reordenou o sistema do ensino superior em Portugal com o

que era praticado no espaço europeu, passando a oferecer e a considerar, ao nível da formação dos professores, a licenciatura e o mestrado, como essencial para se efectivar a actividade de docente.

O desafio que parece estar colocado ao ensino da música em Portugal reside no assumir do seu papel no contexto global do sistema pedagógico, pois temos vivido nos últimos períodos, vários avanços e recuos, alguns devidos à situação sócio-económica do País, abrangendo os vários níveis de ensino e garantindo uma formação científica exigente que permita não só ensinar mas alimentar a criatividade de abordagem do próprio ensino musical, numa conjugação interdisciplinar, com outras áreas do conhecimento e do saber nas escolas.

1.2 Princípios Orientadores e Objetivos da Educação Musical no 2º Ciclo

Educação Musical

“A MÚSICA NA SALA DE AULA é o centro de atividade musical da escola, de onde partem todas as outras atividades musicais extracurriculares. A sua grande meta é o desenvolvimento do pensamento musical dos alunos.” (*Organização curricular e programas – Vol. I – Ensino Básico – 2º ciclo, 1991*).

Do geral para o particular, do simples para o complexo, da unidade para a variação, assim poderíamos definir este percurso, porque de um percurso se trata, que é a educação musical nas escolas.

Desde logo, a música deve ser equacionada numa componente mais global, a "educação estética", ou seja, a valorização das artes no processo educativo das crianças. O ensino da música deve partir das experiências, das sensações, da espontaneidade própria da criança, de uma realidade básica e simples que há-de chegar a patamares de maior complexidade de apreensão das regras musicais. O ensino da música tem em conta que algo muito próprio, um som por exemplo, apreendido como singelo e único, terá tendência a ser desdobrado em múltiplos aspectos, em múltiplas variações, num desbravar imenso da sensibilidade musical.

Esta abordagem vive de uma ambivalência equilibrada, entre a teoria, entre o dotar os alunos de elementos informativos cada vez mais profundos, e a prática, essencial para um domínio crescente da compreensão musical, não em meio abstracto mas de uma forma concreta, quase que palpável.

Por isso, ensinar a música em contexto escolar, na sala de aula, não é um ponto final, mas um momento que deve servir como trampolim para o desenvolvimento de outras propostas e de outras soluções musicais extra-curriculares, tendo em vista alcançar um grande objetivo, dotar os alunos da capacidade de entender/fazer música.

Para que esta dinâmica se efective, não basta a boa vontade ou o apelo à motivação. São necessárias metodologias, formas de organização, suficientemente definidas, estruturadas, mas ao mesmo tempo suficientemente abertas para reagir ao meio, para receber do meio. A aprendizagem da música será, por isso, evolutiva, não deverá ser fechada, estanque, nem desorganizada, solta, sem que os conceitos a utilizar se interliguem entre si.

Segundo (Ministério da Educação 1991) os objectivos da educação musical estão organizados em três grandes domínios: atitudes e valores, das capacidades e conhecimento, domínios que se interligam entre si.

Alcançar estes objectivos significa que se valorizou a expressão musical e o património musical, que se vive a música muito para além dos gostos particulares, que se gera capacidade criativa, que se aprofunda a capacidade motora ao nível da utilização das diversas técnicas, aprende-se o uso correcto de regras de comunicação oral e escritas, aprendem-se conceitos como o timbre, dinâmica, ritmo, altura, forma, ganha-se a capacidade de perceber e clarificar os diferentes conceitos musicais em diferentes géneros, épocas, culturas, etc.

Como referi na introdução do texto, trata-se de um processo evolutivo. Evolutivo no sentido de um domínio crescente da própria complexidade do ensino musical. Há como que uma passagem por fases, cada uma mais sistemática, mais criativa, mais diversa, mas em que se pretende ao mesmo tempo que não se quebrem as pontes e os fios de ligação entre cada uma das fases. Os conteúdos que prevalecem no ensino musical, devem ter em conta esta visão, uma visão que aceita uma

acumulação gradual de conhecimentos, não para ficar estagnado nesse patamar, mas porque despoleta a necessidade e capacidade de novos conhecimentos.

O ensino musical implica uma relação entre professor e aluno. Não se trata de pegar num esquema base e aplicá-lo de forma unívoca. Há que estar atento aos diversos graus de capacidade cognitiva, à sensibilidade, a relação entre trabalho em grupo e lógica individual. Tendo sempre presente que há objectivos a alcançar.

Um dos momentos importantes para se entender se esse processo foi correcto, teve êxito, é o da avaliação. Mais numa lógica de processo e menos de encerramento. Avaliar não apenas numa fase final, mas num contínuo que permita fazer as alterações e as interferências que se impõem. Ser sistemática, ser organizada, não meramente empírica ou sensitiva, correndo-se o perigo de se perderem pelo caminho elementos importantes de análise, recorrendo a todo um conjunto de instrumentos que permitem de forma rigorosa mas diversificada captar as diversas noções que caracterizam a dinâmica de aprendizagem do aluno: grelhas, trabalhos em grupo, inquéritos individuais, testes, etc, são vários os instrumentos passíveis de serem utilizados.

Tudo isto tem um fim: dotar o aluno de instrumentos e capacidades que lhe permitam entender o mundo da música e a sua própria fabricação musical. Se tiver êxito, dá-se um contributo importante para que o ensino da música em meio escolar seja muito mais valorizado.

2. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada

2.1 Caracterização da escola onde se realizou o estágio.

O Agrupamento de Escolas situa-se no concelho de Oeiras e é um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP), constituído por três escolas EB1 e dois Jardins de Infância, sendo que todas as escolas se localizam no concelho de Oeiras. Este estabelecimento de ensino foi fundado em 88-10-10 e é Associada da UNESCO, desde 20 de novembro de 1991.

A Unidade Orgânica é um agrupamento vertical com oferta formativa diversificada desde o Jardim de Infância ao 12º ano, que visa dar resposta às necessidades da população do meio em que se insere, caracterizada por acentuadas desigualdades socioeconómicas.

Uma parte significativa dos alunos é descendente de populações oriundas de países de língua portuguesa (CPLP), maioritariamente de ascendência cabo-verdiana, pelo que o crioulo é falado regularmente em casa. Os seus agregados familiares apresentam baixos níveis de escolarização, o que implica alunos associados a um nível de iliteracia familiar, assim como a índices de motivação e trabalho mais reduzidos, a alguma fragilidade económica e risco de exclusão, evidentes no número de alunos subsidiados pela Ação Social Escolar (ASE) ou seja, 48,5% da população escolar.

A Escola funciona em turno único para o 2º e 3º Ciclos e Secundário. É constituída por 7 blocos, 5 deles de dois pisos, um pavilhão gimnodesportivo e um campo de futebol. No bloco A chamado bloco central funcionam: O gabinete da direção, os serviços administrativos; a reprografia; a biblioteca; a sala de atendimento aos encarregados de educação; a sala de diretores de turma; o gabinete de apoio à família e ao aluno; a sala de professores com um bufete; o núcleo de Apoio Educativo e sala de reuniões. No bloco B, funcionam salas de aula; a sala do animador cultural e o Gabinete de acompanhamento ST1. No bloco C funciona a única sala de música da escola; uma sala de ATL, uma sala de tutorias, 2 laboratórios e algumas salas de aulas. No bloco D funciona a papelaria, a SOA (sala de ocupação de alunos), o UAAM, o PIEF e uma sala com micro-ondas. No bloco E temos a sala das auxiliares, a sala de computadores, 2 laboratório. No bloco F existe a sala do terapeuta da fala, o gabinete do psicólogo e 10 salas de aulas. No bloco R funciona o refeitório e finalmente temos o gimnodesportivo que está situado perto do campo da bola que é visível assim que se entra na escola. A escola também tem uma horta pedagógica que é da responsabilidade dos alunos, orientados por professores.

População da Escola onde foi realizado o Estágio

Este Agrupamento de escolas funciona com um único turno para o 2º e 3º ciclo e secundário com uma população de 709 alunos, sendo 208 do 2º ciclo. Em relação à população docente existem 78. Número de auxiliares 24 e 6 técnicos mais o psicólogo.

Caracterização das turmas do 2º Ciclo

Uma vez que eu e a minha colega de estágio tivemos a oportunidade de trabalhar com todas as turmas do 2º Ciclo em par pedagógico, irei fazer uma breve caracterização das sete turmas e uma caracterização mais detalhada das duas turmas que me foram atribuídas para lecionar ao longo do 2º Período e metade do 3º Período e com as quais realizei um trabalho individual mais aprofundado.

5º A – Turma formada por 20 alunos, 10 rapazes e 10 raparigas onde a média de idades é de 10 até 30 de setembro de 2017. Nesta turma existem 4 alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Na opinião do D.T., o apoio dado pelos professores do ensino especial aos alunos é demasiado administrativo e pouco prático influenciando o aproveitamento dos alunos abrangidos pelos apoios.

5º C – Turma formada por 26, sendo 15 rapazes e 11 raparigas em que a média de idades é de 10. Existem 2 alunos com necessidades especiais.

5º D – Turma formada por 11 rapazes e 14 raparigas num total de 25 de entre os quais 4 alunos com NEE e um aluno CEI (Currículo Específico individual), alunos que estão integrados em turmas do ensino regular e que apresentam défice cognitivo acentuado. A sua média de idades é de 10. O aproveitamento da turma foi considerado Pouco Satisfatório, assim como o comportamento.

6º B – A turma é composta por 22 alunos, sendo 13 rapazes e 9 raparigas e com uma média de idades de 11. O comportamento desta turma no ano anterior tinha sido Pouco Satisfatório tendo ficado decidido no último Conselho de Turma um professor coadjuvante para as disciplinas de artes e foi a própria D.T. a coadjuvar. Não posso deixar de realçar o papel da D.T. desta turma que soube ser dura quando necessário e carinhosa quando mereciam. Nas aulas das quartas-feiras onde estava presente era muito participativa e interventiva em todas as atividades propostas. Esta turma foi a

anfitriã dos alunos finalistas do 4º ano de uma escola do agrupamento, futuros alunos para iniciarem o 2º ciclo nesta escola.

6º C – Turma formada por 25 alunos, sendo 13 rapazes e 12 raparigas. Nesta turma existem 4 com NEE e três alunos CEI. A média de idades é de 11.4. O comportamento desta turma foi considerado pouco satisfatório e o aproveitamento Satisfatório. Com esta turma trabalhei em par Pedagógico” com a minha colega de estágio em várias situações.

6º D - Turma com 26 alunos, sendo 16 rapazes e apenas 10 raparigas. Há seis alunos com NEE. A média de idades é de 11. O comportamento foi considerado Bom e o aproveitamento Satisfatório. Com esta turma trabalhei em par pedagógico com a minha colega de estágio.

6º E – Turma com 23 alunos, sendo que 16 são rapazes e 7 raparigas. A média de idades é de 10.9. Há 2 alunos com NEE.

Caracterização da sala onde decorreram as aulas assistidas e as aulas lecionadas.

Existe apenas uma sala destinada as aulas de educação musical e cada turma tem dois tempos letivos semanais de 50 minutos e apenas um professor para as nove turmas do 2º Ciclo. A sala tem seis janelas, mas raramente se abrem porque estão estragadas e por isso as aulas são sempre dadas com luz artificial. A sala é ampla, mas muito fria no inverno porque quase não apanha sol. As paredes não estão pintadas e para isolar o ruído foram coladas, de forma pouco organizada, embalagens de papelão, usadas para transportar ovos. Algumas já se encontram em muito mau estado. As carteiras estão dispostas em quatro filas, três com quatro mesas cada e uma fila apenas com três mesas, num total de quinze mesas. Os alunos sentam-se de acordo com a planta da sala que é determinada pela relação de turma. Em frente dos alunos está a mesa do professor com um computador. Ao lado uma outra mesa com um amplificador, e ao lado desta mesa um microfone e um teclado. Há uma tela, dois quadros pautados móveis e dois quadros lisos fixos na parede. Ao fundo da sala há dois pequenos armários onde estão guardados alguns manuais e pequenos instrumentos *orff* de percussão e de altura indefinida. Também há uma bateria, uma

mesa de som e caixas onde estão guardadas duas colunas que são utilizadas nos ensaios das bandas e espetáculos no exterior. Há uma arrecadação anexa à sala, onde estão arrumados vários instrumentos *orff* de altura definida, dois teclados, quatro guitarras, uma guitarra baixo, pandeiretas, jogos de sinos, metalofones, xilofones, pratos, tamborins, bombos, baquetas, sete flautas de bisel que são emprestadas aos alunos quando se esqueçam ou não tenham em casa.

Para tornar a turma mais acolhedora no inverno, as duas estagiárias e o professor cooperante associaram-se e compraram um aquecedor. Valeu a pena porque os alunos assim que entravam sentiam a diferença.

Sugeria, para além da pintura das paredes, uma possível interligação com a área de educação visual, transformando as embalagens, com uma outra dinâmica criativa, numa participação conjunta com os alunos de educação musical. O ideal seria uma sala mais ampla, favorecendo a realização de aulas de mais movimento.

3. Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada

A Prática de Ensino Supervisionada contou com a participação de duas estagiárias e o professor cooperante. O Estágio teve início a 22 setembro, com uma reunião onde nos foi apresentado o horário das turmas e fomos postas ao corrente do comportamento das mesmas. Foram fornecidas diretrizes sobre como agir em casos comportamentais que pudessem surgir com os alunos e esclarecidas dúvidas. O professor aconselhou a trabalhar com as mesmas turmas durante o estágio para que houvesse um trabalho de continuidade. O programa adotado foi o do Manual 100% Música. As planificações ficaram ao nosso critério desde que seguíssemos o manual. As aulas decorreram em dois tempos letivos de 50 minutos cada. De seguida fomos convidadas a fazer uma visita guiada à escola onde fomos apresentadas ao restante corpo docente, à direção da escola e a algumas auxiliares de educação.

Não ficou definido um horário para o desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada, ficando ao nosso critério o que desse mais jeito. Eu e a minha colega de estágio decidimos que iríamos trabalhar juntas o maior número de horas possível.

Tivemos um papel muito interventivo com praticamente todas as turmas e foi importante esta partilha de experiências e de interajuda.

O professor cooperante fez a nossa apresentação em todas as turmas de uma forma muito simpática com ritmos corporais e movimento, enquanto íamos dizendo os nossos nomes. Foi um momento importante de aproximação entre as estagiárias e os alunos que se mostraram curiosos com a nossa presença. Fomos sempre apresentadas como mais duas professoras que estavam ali para ajudar.

A nossa participação aconteceu primeiro a pedido do professor cooperante, depois teve lugar naturalmente, ajudando na concentração de alguns alunos mais agitados e distraídos, assim como na realização da prática instrumental sempre que algum necessitasse. Segundo Carlos Ceia (2010):

O que não fazia e não faz sentido nenhum é aprender a ser professor vendo como é que os outros fazem, como se fosse possível aprender a ser médico apenas vendo os outros a praticar medicina (...). É de facto importante que quem vai desempenhar esta profissão no Ensino Básico ou no Ensino Secundário tem que ter experimentado, sob a dupla orientação de um professor profissionalizado no terreno e um professor supervisor na instituição formadora, o que é ensinar na vida real (Carlos Ceia, 2010, p.).

Também fomos convidadas a trabalhar com a Banda de Garagem das segundas-feiras. Sem termos sido informadas anteriormente, em várias ocasiões por destacamento do professor para atividades em outras escolas do agrupamento, o nome das duas estagiárias foi indicado pela direção da escola para assumirmos as turmas.

Apesar de não ter havido muitas reuniões entre o professor cooperante e as estagiárias, no final de cada aula solicitava um *feedback* relativamente ao trabalho realizado. Poucas vezes fui corrigida na terminologia usada nos sumários a conselho do professor. Com o decorrer do estágio, foi deixando de acontecer porque as aulas decorriam naturalmente. Fomos recebidas de uma forma simpática e, com o decorrer do estágio senti que a relação de confiança cresceu e o trabalho pautou-se de muita partilha e sinceridade, fazendo com que a minha experiência se tornasse muito mais rica. A nosso pedido, o estágio prolongou-se um pouco mais com o 5º B e o 6º A, as duas turmas onde tive a oportunidade de aplicar algumas metodologias de alguns

pedagogos aprendidas durante o Mestrado em Ensino da Música. Com a minha colega de estágio desenvolvi uma relação de amizade, partilha, companheirismo o que me fez certamente uma pessoa mais completar. Que bom ter partilhado tantos momentos com ela.

3.1 Aulas observadas

Apesar de já ter experiência em trabalhar com crianças e adolescentes, parti para este estágio com algumas expectativas e até algum receio porque era um campo diferente daquele a que estou habituada. Sabendo da relação estreita entre a música e a matemática e o papel fundamental como instrumento de base da música, ensinar matemática é muito diferente de ensinar música. Mesmo tendo formação musical e conhecer algumas metodologias de vários pedagogos musicais, as abordagens são diferentes.

As aulas observadas proporcionaram-me novas aprendizagens e experiências levando-me a uma atitude mais reflexiva sobre as metodologias e pedagogias. Estas aulas foram observadas numa escola pública do concelho de Oeiras e realizaram-se em todas as nove turmas do professor cooperante, único para a disciplina de Educação Musical na escola há cerca de oito anos, notando-se uma certa rotina e alguma saturação. Como já referi, as aulas decorreram em dois tempos letivos semanais de 50 minutos. Os alunos do 6º ano já estavam habituados às metodologias do professor e familiarizados com a sua dinâmica. Em relação aos alunos do 5º ano, alguns já o conheciam em atividades nas festas do dia do Agrupamento quando todas as escolas que fazem parte se reúnem para assinalar o dia com atividades lúdicas, ou quando vão conhecer a sua futura escola. É prática desta, convidar os alunos do 4º ano a passarem um dia com os mais crescidos.

Logo nas primeiras aulas observadas deu para entender que as turmas eram muito heterogéneas e que a dinâmica do professor por vezes era adaptada ao ritmo de cada turma naquele dia. A planificação seguida foi a do manual 100% Musica e com o desenrolar das aulas o professor recorria à improvisação. O teclado era usado em todas as aulas pelo professor, assim como os quadros pautados onde eram escritas as

músicas do manual para serem inicialmente trabalhadas. A escola funciona com a plataforma INOVAR onde eram registadas as faltas de presença e material dos alunos, os sumários do professor e quando ocorreriam situações mais complicadas de comportamento também foram registadas as participações, permitindo aos pais terem acesso rápido à atividade do seu educando. O sumário era projetado numa tela, assim como as páginas do manual a trabalhar na aula de modo a que os alunos tivessem acesso. O professor cooperante também recorreu aos CDs áudios do manual e aos Karokes das músicas e canções a trabalhar. Para valorizar a música portuguesa, reservava 10 minutos no final de cada aula para pôr videoclips de bandas e músicos portugueses à sua escolha e fazia com que os alunos a interpretassem enquanto acompanhava ao teclado e cantava com a ajuda de um microfone. A prática vocal foi sempre privilegiada em todas as aulas. A mesma canção era trabalhada em algumas aulas, primeiro a audição ou visualização do videoclip relacionado com a música, de seguida a letra por frases de maneira a que fosse memorizada e só depois era introduzida a melodia. Os alunos, principalmente os do 5º ano, reagiam positivamente àquele momento musical e era agradável porque se via uma participação ativa tanto dos rapazes como das raparigas. Houve a preocupação do professor cooperante em saber a opinião das estagiárias sobre os temas escolhidos. Por vezes sugeríamos alguns temas e de uma forma simpática atendia à nossa sugestão.

Os materiais exigidos aos alunos pelos professores, era um caderno de música para o registo dos sumários e alguma informação mais relevante e uma flauta de bisel. O manual adotado pela escola foi o 100% Música, ficou ao critério de cada aluno se deveria comprar ou não. A maior parte dos alunos do 6ºano optaram por não o comprar, mas os do 5º ano quase todos tinham o manual, daí termos realizado muitas atividades que faziam parte do programa.

No final de cada período letivo houve uma avaliação prática que consistiu na execução de um tema do manual, trabalhado em mais do que duas aulas, na flauta de bisel para que todos os alunos conseguissem executá-lo. As avaliações foram feitas individualmente ou em grupos de dois e, quase sempre, em dois tempos letivos. Depois foi pedido a cada aluno que fizesse a autoavaliação oralmente sobre como tinha considerado o seu desempenho, tanto nas atitudes como no domínio dos

conhecimentos, refletindo sobre seu papel em sala de aula. As aulas do 6º ano foram repartidas entre a prática instrumental, neste caso a flauta de bisel e a prática vocal. O uso dos instrumentos *orff* aconteceram esporadicamente e apenas com as turmas do 5º ano em que, inicialmente a flauta, não ocupava tanto tempo. Com estes alunos nas primeiras aulas foram exploradas a prática vocal e algumas aulas de movimento e voz que se mostravam por vezes muito agitadas acabando por terminar antes do tempo.

As aulas tinham praticamente a mesma estrutura. O professor subia sempre com os alunos, entrava na sala, dirigia-se para a sua mesa e eles entravam atrás dele. De seguida abria o INOVAR, registava as faltas e escrevia o sumário e projetava-o para que os alunos registassem nos cadernos. O sumário era escrito no início da aula. Enquanto isso, o professor cooperante ia para o teclado tocar qualquer coisa para a turma se acalmar. Por vezes levava tempo e se a turma não acalmasse, recorria ao microfone para se fazer ouvir ou levantava-se e ficava em pé, de braços cruzados e calado até que os alunos se apercebessem que a aula tinha iniciado. Se o comportamento da turma continuasse agitado, recorria às participações, ou envio do aluno para a sala de ocupação de alunos (SOA). Para aulas de 50 minutos, gerir o tempo é complicado porque a aula pode ficar reduzida a 30 ou 20 minutos.

A primeira aula observada foi a do 6º B e fiquei um pouco assustada com o comportamento geral da turma porque nem com a presença das duas estagiárias se inibiram. Comecei por me questionar como dar aulas de movimento numa turma tão viva. O professor cooperante pediu que fôssemos todos para o fundo da sala, debaixo de muito ruído e fizemos jogos rítmicos nas apresentações, fazendo com que a turma se acalmasse e fosse mais colaborante. Houve um ou outro aluno que continuou com o comportamento inadequado, mas foi possível fazer o que o professor se propôs. Esta apresentação repetiu-se em todas as turmas do 2º ciclo. Retomamos aos nossos lugares, o professor passou uma música em compasso quaternário no quadro pautado. De seguida, perguntou aos alunos os nomes das notas e por baixo ia escrevendo os respetivos nomes. Questionei-me o porquê de escrever os nomes das notas por baixo, se a maior parte dos alunos respondeu corretamente. A meu ver, talvez fosse mais interessante fazer uma segunda leitura de modo a que fixassem a colocação das notas na pauta sem ter o nome escrito. Seria um trabalho de memorização mais

interessante. Lembrou o compasso e fez algumas perguntas como: quantas pulsações tem um compasso quaternário? Quantas mínimas são precisas para preencher um compasso quaternário? Depois foram distribuídas as 8 flautas disponibilizadas pela escola para emprestar aos alunos que não tinham, ou se esqueceram de levar. Em algumas turmas o número de meninos sem flauta é superior ao disponível para emprestar. Quando isso acontecia, eu e a minha colega recorriamos a instrumentos *orff* para ocupar esses alunos, evitando que eles se desinteressassem da atividade que estava a ser feita.

As primeiras aulas observadas tiveram alguma influência no objeto de trabalho do meu relatório pelo seguinte: esta turma estava referenciada como sendo a pior do 2º ciclo e as aulas das quartas-feiras eram coadjuvadas pela D.T. Quando o professor começou a exemplificar a música na flauta de bisel, primeiro por pequenas frases melódicas, a turma acalmou para o ouvir tocar. Aqueles que tinham mais facilidade começaram logo a tentar reproduzir.

Deu para entender que quando os alunos estavam a tocar flauta de bisel havia interesse pela aula, assim que o professor mandou arrumar as flautas e passou a outra atividade, a turma voltou ao ruído até ao final da aula, num desinteresse ao que o professor cooperante estava a propor.

As duas turmas seguintes do 6º ano foram mais pacíficas e a abordagem foi diferente, mas estavam igualmente muito ansiosos por começar a tocar e, o momento mais calmo e em que se notou uma participação de toda a turma foi quando se passou à parte da flauta. Isto aconteceu com mais frequência nas aulas seguintes, fazendo com que eu e a minha colega nos desdobrássemos para ajudar os alunos com mais dificuldades e que queriam tanto tocar. Muitas das vezes eram eles que nos chamavam quando precisavam de ajuda.

Apesar de a flauta ser usada praticamente em todas as aulas, fiquei com a sensação de que era pouco tempo por aula. Questionei-me muitas vezes por que razão o momento dedicado à flauta era tão curto, quando podia ser mais explorado mantendo assim as turmas mais participativas e motivadas, principalmente em turmas como o 6º B, o 6º D e o 6º C em que se notava tanta desmotivação na aula por parte de muitos alunos.

Vários alunos destas turmas chegaram a questionar o porquê das aulas de educação musical e o professor reservou uma parte da aula para explicar a importância da disciplina e até recorreu a vídeos que falam sobre o tema, só que os alunos que questionaram não deram muita importância ao que estava a ser dito. Entendo que não é fácil estar durante cinco tempos letivos a ouvir o som da flauta e que as aulas de 50 minutos correm muito rápido, mas para estas turmas seria muito vantajoso e menos desgastante tanto para o professor como para os alunos em vez de 20 minutos a trabalhar na flauta, alargar para 35. Quando a turma se apercebia que conseguia tocar em conjunto, quase sem falhas, era fantástico, porque tinham noção de que a música resultou porque todos estavam empenhados naquilo. Mais do que isso, aquela música tinha sido feita por eles. A reação deles era gratificante.

Sabemos que para a maior parte destes alunos, as aulas de educação musical são a única oportunidade para terem alguma formação musical. Para além do mais, a flauta de bisel é um instrumento de fácil transporte acessível economicamente tanto para a escola como para os alunos e há que os apetrechar com as ferramentas necessárias para que possam eles próprios descobrir motivações futuras.

A prática instrumental como já disse, assentou quase sempre no uso da flauta de bisel e foi usada praticamente em todas as aulas. Esta também foi importante nos três momentos de avaliação, uma vez que a avaliação instrumental tinha um peso de 80%, ficando apenas 10% para a participação e os outros 10% para o comportamento. Os alunos tinham de saber executar uma música na flauta individualmente ou a pares. Essas músicas tinham sido previamente trabalhadas nas aulas e, desse repertório, o professor cooperante escolhia uma do respetivo ano.

Foi muito gratificante quando sugeri no 3º período a execução da “escala pentatónica de dó” na flauta de bisel como método de avaliação instrumental para 5º ano. Essa sugestão foi bem acolhida uma vez que o objetivo do 3º Link do manual é o aluno identificar as notas que compõem essa escala e depois saberem executá-la num instrumento *orff*. Neste caso seria na flauta de bisel. Participei dos três momentos de avaliação e, nos 2º e 3º períodos, tive o privilégio de avaliar as duas turmas onde desenvolvi um trabalho mais exaustivo. Houve sempre a preocupação de saber se o professor cooperante estava de acordo com a nota atribuída.

Na prática instrumental as aulas iniciavam sempre com a projeção de um videoclip numa tela ou a audição de um CD, enquanto o professor cooperante ia escrevendo no quadro pautado a música a trabalhar. De seguida eram abordados os conteúdos/conceitos da aula, ex.: ritmo: síncopa. Eram escritos no quadro alguns exercícios rítmicos com síncopas e trabalhados com vocábulos de modo a que os alunos entendessem. Primeiro o professor exemplificava e de seguida pedia aos alunos que reproduzissem. Isto acontecia com algumas repetições até que a maior parte da turma conseguisse executar o exercício proposto. Depois passava-se para o quadro pautado de modo a que alguém identificasse a síncopa na música escrita no quadro. Havia sempre alunos que conseguiam identificar o que era pedido. Tendo sido identificado o elemento a trabalhar, era feita a leitura das notas que compõem a música enquanto o professor ia escrevendo os respetivos nomes por baixo. A meu ver, não sei se era o método mais acertado porque se os alunos identificam as notas na pauta e leem corretamente, não faz sentido escrever os seus nomes. De seguida, ou eu, ou a minha colega íamos para o quadro apontar as notas e passava-se a execução instrumental na flauta de bisel por partes, mas sempre rítmicas e melódicas ao mesmo tempo. Primeiro o professor cooperante exemplificava na flauta e de seguida os alunos reproduziam. Depois ia para o teclado acompanhar os alunos. O estudo do instrumental ficava concluído quando fosse feita a sua execução integral sem e com voz guia.

Quando a prática vocal ocupava uma aula de 50 minutos caso fosse retirada do manual que é seguido pelo professor cooperante, primeiro era posto o CD áudio ou o videoclip, para que os alunos ficassem a conhecer o tema a trabalhar. Por vezes era apresentada mais do que uma versão. Se o tema vocal tivesse partitura com letra, passava-se à memorização da letra por frases e só depois é que se começava a trabalhar a melodia, sempre por pequenas linhas melódicas e acompanhadas ao teclado pelo professor, que ao mesmo tempo cantava com a ajuda do microfone. Ele é músico e compositor e faz parte de uma banda onde toca e canta, daí a boa capacidade vocal que apresenta.

O professor cooperante justificou o uso do microfone como forma de proteger a voz e até aconselhou as duas estagiárias a fazerem o mesmo. Não sei até que ponto

o uso do microfone era importante para comunicar com os alunos dentro de um espaço relativamente pequeno. Não foi preciso recorrer a esse método porque conseguimos controlar os alunos apenas com a voz. O ruído permanente do microfone ligado a um amplificador produzia um ruído de fundo que por vezes não era fácil. Não sei se será a melhor estratégia, porque a tendência era para todos elevarem a voz. A fasquia do som era muito elevada propiciando a um clima de muito ruído.

Os alunos nunca faziam qualquer aquecimento de voz porque na opinião do professor, enquanto se trabalhava a memorização da letra fazia-se o aquecimento. A motivação da prática vocal tinha muito a ver com o tema a ser trabalhado principalmente com as turmas do 6º ano porque são mais seletivos nas escolhas.

Outro problema que surgia com alguma frequência é a multiculturalidade das turmas e os gostos musicais dos alunos. O 6º B por exemplo, tinha meninos de origem portuguesa, cabo-verdiana, paquistanesa, romena, brasileira, guineense, angolana e ganense. É um conjunto de realidades culturais diferentes e, trabalhar com turmas como esta é um desafio permanente. Como chegar a todos sem individualizar nem generalizar? Em relação às turmas do 5º ano a motivação era maior porque ainda trazem do 1º ciclo o hábito de cantar em grupo e mostram-se mais desinibidos para a prática vocal. O critério adotado pelo professor cooperante na escolha das canções passava pelo seu gosto pessoal, ou pelos indicados no manual. Ainda que me tenha questionado com este critério, não é fácil agradar a esta diversidade, mas dar-lhes um pouco de voz para entendermos melhor os seus gostos, desde que estejam dentro daquilo que se pretende em educação musical. Penso que seria mais entusiasmante para eles.

Houve muitas aulas que foram preenchidas com a visualização de filmes ou documentários relacionados com a vida e obra de músicos tanto de música Pop como erudita. As escolhas nem sempre foram bem-sucedidas, fazendo com que muitos dos alunos mostrassem algum desinteresse. O professor cooperante teve a preocupação de explicar o que se estava a passar de modo a que os alunos com mais dificuldades de compreensão acompanhassem a história. Os filmes tinham uma grande duração e por vezes ocupavam mais de duas aulas. Apesar de achar que estas aulas eram uma mais-valia, questionei-me se não era exagerado o número de horas ocupadas uma vez que

havia tanta coisa interessante no programa para trabalhar e tantos temas que os alunos iriam gostar de tocar na flauta de bisel e que, por falta de tempo, não foram abordadas, principalmente com os 6º anos que este será o último a terem música.

O meu papel como estagiária foi sempre dinâmico porque não me limitei a observar, mas a intervir sempre que fosse necessário controlar o comportamento de alunos, a ajudar os que apresentassem maiores dificuldades com a flauta de bisel, ou até mesmo alguns com problemas pessoais que precisassem de uma atenção especial e não eram poucos.

O professor cooperante via sempre com muito agrado estas intervenções e foram raras as vezes em que os alunos não acataram as ordens, sugestões e conselhos mesmo nas primeiras aulas assistidas pelas estagiárias. O professor cooperante estabeleceu com os alunos uma ótima relação e foi carinhoso, brincalhão e soube ouvi-los, apesar de ter recorrido algumas vezes a participações para que conseguisse ter controlo sobre a turma.

Algumas vezes acontecia a aula ter terminado e principalmente as meninas queriam que ele as ouvisse cantar temas que elas gostam e que não eram ouvidos nem cantados nas aulas. O professor para além de as ouvir, ainda acompanhava ao teclado. Normalmente os rapazes gostavam mais de mostrar os seus dotes de bailarinos e ele divertia-se muito com as danças que aconteciam no período do intervalo.

Muitas vezes juntávamos as cantoras e cantávamos com elas e eram momentos muito divertidos.

Como já disse, ao fundo da sala havia uma bateria e muitos alunos, em vez de saírem, corriam para lá e começavam a tocar ruidosamente. Não era muito agradável ouvir o som da bateria num espaço tão pequeno e fechado. Passei a fazer uma espécie de “policimento” e sempre que tocasse para a saída, controlava os alunos que habitualmente corriam para lá, de modo a impedir que fossem tocar. Muitos destes alunos podiam fazer parte das bandas de garagem e ter a oportunidade de aprender a tocar, mas isso implicava o cumprimento de horário, algum trabalho e alguma

disciplina. O professor cooperante apercebeu-se que aquilo incomodava e começou a controlar mais e a tentar convencê-los a irem aprender bateria, mas não teve sucesso.

3.2 Aulas observadas numa escola de Alverca

O professor cooperante desta escola teve conhecimento da nossa presença porque eu e a minha colega de estágio comunicamos a nossa vontade de assistirmos algumas aulas dadas por ele. Fomos muito bem-recebidas na escola primeiro, pelos nossos colegas a estagiarem lá, depois, pelo seu professor cooperante.

As aulas decorreram todas na mesma sala e foram assistidas um total de três, sendo duas do 7º ano e uma do 6º. Os alunos do 7º ano têm a educação musical como opcional. A sala é ampla e com muita luz, as mesas estão dispostas em U, as paredes são brancas e apenas com um placard ao fundo onde estão afixados dois cartazes, um com instrumentos musicais de orquestra, e outro com uma orquestra sinfónica. Há um órgão ao lado da mesa do professor, não há nenhum quadro pautado e o único computador que estava na sala era o do professor. Logo à entrada, existe uma arrecadação anexa à sala onde estão cuidadosamente arrumados em prateleiras vários instrumentos *orff*. Ao lado está um armário onde estão arrumados de uma forma organizada os vários manuais da disciplina. A sala fica aberta nos intervalos e os alunos só entram com a autorização do professor.

A primeira aula observada foi a do 7º A, turma com 28 alunos, sendo 18 raparigas e 10 rapazes. Os alunos entraram de uma forma ordeira e pouco falavam, sentaram-se organizadamente e desde o momento que entraram ao início da aula não se passaram muitos minutos. Senti que as coisas fluíam naturalmente e que os alunos tinham interiorizado as regras de sala de aula. O professor colocou-se em frente aos alunos, posição que permitia um controlo da turma. A aula começou com movimentos respiratórios e de relaxamento que foram passando por várias partes do corpo, primeiro individualmente, depois coletivamente em que cada colega massajava os ombros do colega da frente enquanto se movimentavam em círculo ao som de uma música. Todos os alunos executam os exercícios propostos.

De seguida, o professor começou a tocar na flauta de bisel a canção a trabalhar e convidou os alunos a cantar as notas com sílabas neutras e, ao mesmo tempo, acompanhando o ritmo com clics. Passou-se a identificação das notas que estavam a ser tocadas pelo professor e só depois é que foi posta a versão áudio para os alunos ouvirem e, finalmente, os alunos foram convidados a pegar nas flautas e começar a tocar pequenas frases melódicas que eram repetidas de modo a que fossem memorizadas. Nada é escrito no quadro, tudo é trabalhado em conjunto. Depois, os alunos tocaram em duetos permitindo ao professor identificar as dificuldades de cada um e ajudar de forma mais individualizada. Aos restantes alunos foi pedido que acompanhassem a música marcando o ritmo enquanto iam pensando nas notas interiormente. Em momento algum foi usado o teclado pelo professor, a flauta e a voz foram os únicos instrumentos a trabalhar. Segundo Wuytack(1993, 2005), citado por Palheiros e Bourscheidt:

Os elementos devem ser apresentados separadamente, mas numa mesma aula, e sempre estabelecendo relações com a totalidade da canção. A totalidade implica a tomada de consciência musical por parte da criança e a sua satisfação pela realização de um bom trabalho musical (Palheiros e Bourscheidt 2012).

Eu senti ao longo da aula tudo isso. A aula terminou com o registo do sumário pelo professor no livro de ponto e os alunos nos cadernos. Ainda é tudo registado no livro de ponto.

A segunda aula assistida foi o 7º C, turma também com 28 alunos, sendo 10 raparigas e 18 rapazes. Para estes alunos um pouco mais agitados, o professor entrou e os alunos seguiram-no um pouco ruidosos. Para os acalmar começou a entoar pequenas frases melódicas, enquanto pedia aos alunos que o imitassem. Lentamente a turma acalmou. Passou aos exercícios rítmicos, executando-os primeiro e só depois é era pedido aos alunos que os reproduzissem.

De seguida, o mesmo ritmo foi tocado pelo professor na flauta de bisel, mas já com as notas, enquanto pedia aos alunos que as identificassem. Dá sempre muita atenção à parte vocal, usando as notas da canção a trabalhar de modo a que quando se passe para a parte instrumental a melodia e as notas estejam memorizadas pelos alunos. Nesta aula o professor foi para o teclado tocar as notas que compunham a

canção. De seguida foi buscar instrumentos orff e distribuiu por alguns alunos. Um dos nossos colegas a estagiar na escola foi tocar congas, eu e as outras colegas de estágio fomos orientar os alunos nos vários instrumentos que estavam a ser tocados, enquanto o resto da turma tocava na flauta de bisel. Foi um momento de improviso agradável.

A última turma do dia foi o 6º E, a única do 2º ciclo assistida nesta escola. Esta turma é composta por 12 raparigas e 16 rapazes. Logo no momento da entrada para a sala, deu para ver que era mais ruidosa que as duas assistidas anteriormente. O professor teve de lembrar qual o comportamento que se pretende dentro da sala de aula e os alunos acalmaram. Foi pedido que tirassem os cadernos e confirmassem a matéria da aula anterior. Reparei que todos os alunos nesta turma tinham o manual, o caderno e a flauta.

Com esta turma não houve movimento, apenas exercícios rítmicos que eram feitos pelo professor e que, depois, individualmente, ia pedindo aos alunos que os reproduzissem. Sempre que um aluno mostrasse dificuldade em executar um ritmo, era feito um diferente e ele era convidado a repetir até acertar. Dos ritmos individuais passou-se aos coletivos e, por partes, foi introduzido o ritmo da canção a aprender “O amor é assim”. Primeiro só as raparigas, depois os rapazes. Tudo acompanhado de batimentos corporais

Depois de bem trabalhado o ritmo o professor tocou o tema na flauta enquanto os alunos acompanhavam com sílabas neutras a melodia. Passou-se à identificação das notas que compõem a música e a sua execução pelos alunos na flauta de bisel. Deu para notar que esta turma era mais agitada que a anterior, mas nada que o professor não pudesse controlar. Numa turma de 28 alunos, apenas 2 não tinham levado flauta. Isto faz pensar sobre a importância que já assumiu para os alunos este instrumento nas aulas de educação musical. Esta minha impressão foi corroborada por outros colegas de estágio nesta escola, com quem tive a oportunidade de falar.

Fazendo um contraponto com a escola de Oeiras onde os alunos também levam as flautas, é possível concluir que este instrumento musical tem muito boa aceitação e ao ter muito boa aceitação, facilita o próprio ensino da educação musical.

Identifico-me com o método seguido por este professor. Apesar de ter na minha formação musical o piano como instrumento de base, não posso deixar de reconhecer que pode ser substituído em muitos momentos por outros, principalmente pela flauta de bisel, ou outros instrumentos *orff*, cantar e pôr a cantar os alunos afinados. A aula acabou sem grandes desperdícios de tempo e tantos elementos trabalhados.

3.3 Aulas lecionadas em par pedagógico

Estas aulas em par pedagógico aconteceram logo no início do estágio, no dia 23 novembro, com o objetivo de prepararmos os alunos para o concerto de natal. A ideia partiu do professor cooperante que fez a proposta e que aceitamos.

O primeiro passo foi a escolha do repertório a ser cantado e tocado na flauta de bisel. Para os alunos do 6º ano, as canções escolhidas foram em língua inglesa e só iria ser trabalhada a prática vocal. Era importante que houvesse suporte áudio, uma vez que as turmas teriam de ir em grupos de duas cantar em pelo menos três blocos para os alunos que estavam a ter aulas, corpo docente, direção e pessoal administrativo. Isso implicava alguma deslocação de material sonoro. Havendo o apoio áudio, tudo seria mais simples e mais controlável.

Como a apresentação ia decorrer no período de aulas e as turmas foram organizadas em grupos de duas, uma turma estava no seu horário de aula de música enquanto a outra era convidada a juntar-se, vindo acompanhada do respetivo professor e era mais uma ajuda. Isto aconteceu tanto para as turmas do 5º, como para as do 6º. Outro fator importante era a participação de todos aqueles que ao ouvirem as canções sentissem vontade de acompanhar os pequenos cantores, daí terem sido distribuídas folhas com a letra das canções. Foi agradável ver a participação do pessoal docente e não docente. Em relação aos alunos do 3º Ciclo e Secundário não houve muita participação.

Para os alunos do 5º ano a escolha recaiu sobre uma lista que nos foi apresentada de canções alusivas ao Natal e todas em português, seguindo os mesmos critérios das do 6º ano e que convidasse também à participação de quem estivesse a

ouvir. Penso que houve mais receptividade por parte destes alunos, talvez por serem mais desinibidos devido a idade e estarem mais abertos a este tipo de atividades.

A preparação para esta atividade decorreu em 24 aulas dadas em todas as turmas do 2º ciclo por mim e pela minha colega. As planificações das aulas foram feitas em conjunto e não houve divisão de tarefas porque o objetivo era dinamizar ao máximo as aulas e pôr os alunos a cantar com alegria e vontade. Houve uns dias melhores que os outros, mas no geral os objetivos foram conseguidos.

Em todas as turmas procedemos da mesma forma relembrando as regras de sala de aula. Iniciamos com alguns jogos de dinâmica de grupo sugeridos pela professora orientadora da faculdade e professor coordenador o que resultou, porque das nove turmas apenas duas tiveram dificuldades. Também recorremos ao “jogo do maestro” para fazer entender aos alunos quem era o orientador, o guia, dentro da sala. Tendo feito chegar a nossa mensagem aos alunos, passamos ao que era pretendido, prepará-los para o concerto de Natal.

As canções para o 5º ano a serem trabalhadas foram: “Broas de mel” de autoria do professor José Carlos Godinho e “Rodolfo era uma rena”, tradução e adaptação de Fernando Paulo Gomes/Luís Matos e Paulo Henriques. Para ser executada na flauta de bisel foi escolhido um tema do manual 100% Música “Lado a lado”, canção didática para consolidar as notas Dó (agudo) e Lá.

Antes de passarmos às canções, fizemos com os alunos alguns exercícios de relaxamento e de aquecimento de voz. Gostam de cantar, mas nem sempre sabem controlar a voz e por vezes confundem cantar com gritar. Eu e a minha colega explicamos a importância da respiração quando cantamos e o saber ouvir os outros. Passamos a audição da canção “Broas de Mel.” Trabalhámos a letra com pequenas frases rítmicas e os alunos repetiam. Lentamente fomos acrescentando a melodia através de pequenas frases melódicas. Quando sentimos que a maior parte dos alunos já tinha memorizado a letra, pusemos um vídeo com alunos do 2º ciclo de uma escola de Lisboa a cantar o tema. Despertou alguma curiosidade e para aproveitar o interesse passamos à interpretação das canções.

Para que as aulas não se resumissem apenas as canções de natal, reservávamos uns 10 minutos para os alunos do 5º ano tocarem o instrumental que seria apresentado. Apesar de não ser alusivo ao Natal, o professor cooperante achou que seria bom mostrar o que eram capazes de fazer. Foi um momento que os deixou felizes. É um exercício simples, mas que requer atenção por parte dos alunos porque as notas a serem tocadas na flauta de bisel eram dadas pelas estagiárias, ou pelo professor cooperante, através de gestos com a mão de modo a que tivessem a noção de altura. Com os 6ºs anos o processo foi idêntico em relação a forma como foram trabalhadas as canções, a única diferença é que eram em língua inglesa, e houve uma maior preocupação na forma como pronunciavam algumas palavras e um pouco mais de tempo na memorização. Não posso deixar de realçar o papel das professoras de inglês que se prontificaram em trabalhar a letra com os alunos nas suas aulas.

As canções foram “*Christmas Tree*” retirado do manual do 6º ano Nota a nota e “*Jingle Bell Rock*” retirado do manual 100% Música. Em relação ao primeiro tema, houve alguma dificuldade de aceitação por parte dos alunos. Com o segundo a receptividade foi maior e era de esperar pelas características da própria canção. No 6º B, às quartas-feiras tínhamos sempre a presença muito participativa da D.T., tendo-se verificado mais nos dois dias de apresentação das turmas do concerto de Natal pelos blocos. Esta turma foi a que mais participou nos dois dias de apresentações.

Foram elaborados sumários, recorremos a partituras das canções, a aula digital do manual 100% Música, do manual Nota a Nota ao Karaoke 53 e ao áudio correspondente a canção “*Jingle Bell Rock*”. A metodologia para a aprendizagem foi realizada de acordo com a pedagogia de Edgar Willems (1890 - 1914).

De uma maneira geral as aulas correram bem, não ocorreram problemas comportamentais graves, mas devo realçar que a participação das turmas do 5º ano foi sempre mais ativa e entusiástica do que as turmas do 6º ano.

Foram lecionadas 24 aulas em par pedagógico e o início de uma experiência que resultou numa grande aprendizagem e de momentos de muita partilha. Foi um trabalho bem conseguido.

As planificações destas aulas assim como as partituras e letras das canções encontram-se em anexo.

Outras situações de aulas em par pedagógico

Outra situação em par pedagógico, aconteceu quando o professor cooperante foi indicado para realizar Provas de Aferição numa escola do 1º ciclo que faz parte do agrupamento.

Durante uma semana a direção da escola indicou o nome das estagiárias para assegurarem as turmas do professor cooperante. Não achei uma atitude muito correta por parte da direção, uma vez que não procuraram saber se tínhamos disponibilidade para o fazer. Para além do estágio, tanto eu como a minha colega exercemos uma atividade profissional. Ficamos a saber apenas por uma folha que foi entregue ao professor cooperante com o horário a ser cumprido.

Apesar disso, demos o nosso melhor e a semana terminou com a sensação do dever cumprido. Nesta altura já estava a trabalhar com “as minhas duas turmas, 5º B e o 6º A”, por isso não fiz muitas alterações fiz sim, uma adaptação ao da minha colega porque tínhamos decidido que para experimentarmos um método diferente das primeiras aulas lecionadas em par pedagógico no natal, estas não seriam dadas pelas duas ao mesmo tempo, mas divididas numa parte mais teórica que seria assumida por uma e a parte instrumental que ficaria a cargo da outra. Na aula seguinte trocávamos.

Com a minha colega de estágio aconteceu o mesmo com as suas duas turmas 5º A e 6º E, com quem já estava a trabalhar. Restavam as 5 turmas lecionadas pelo professor cooperante e foi nestas que houve o trabalho em par pedagógico.

Como o programa a seguir era o do manual 100% Música e as turmas estavam praticamente em sintonia, foi possível adaptar a planificação das turmas de acordo com o respetivo ano. Foi uma espécie de continuação que resultou porque a matéria a trabalhar permitia. Talvez por me sentir mais segura com as turmas, também a situação era diferente e deu para ver que resultou melhor por não ser uma coisa tão repetitiva como foram as aulas de preparação para o concerto de Natal. Mesmo os alunos mostraram-se interessados e colaborantes. Por vontade da direção da escola

também deveríamos trabalhar com as três bandas de garagem durante essa semana, mas, por motivos de horário fomos obrigadas a recusar e ficamos apenas com a banda das segundas com quem já trabalhávamos desde o início do estágio.

Com as turmas do 5º ano estivemos a trabalhar os instrumentais “Remix e Dominó” porque as quatro turmas não estavam a trabalhar na mesma atividade devido a algumas interrupções que foram acontecendo ao longo do período. Como já disse, a minha colega assegurou a parte um pouco mais teórica fazendo a apresentação da nota Ré (grave) na pauta, falou sobre o compasso quaternário e realizou alguns exercícios rítmicos, explicou a forma ABA.

De seguida assumi a parte instrumental, primeiro mostrando aos alunos como executar a nota Ré (grave) na flauta de bisel. Depois, a partir do quadro pautado onde anteriormente tinha sido passada a música, fui trabalhando a música por compassos, seguiu-se por linhas melódicas, mas sempre cantando as notas com a intenção de serem memorizadas pelos alunos. Na turma seguinte trocamos as partes.

A experiência em par pedagógico resultou tão bem que para aliviar o cansaço e um pouco de saturação que o professor cooperante vinha demonstrando, eu e a minha colega de estágio decidimos assumir de uma forma integral as aulas do professor durante dois dias. Este foi um dos motivos, o outro teve a ver com o gosto de termos trabalhado em par pedagógico e ter resultado numa parceria enriquecedora.

Aula de despedida organizada pelas estagiárias a todas as turmas em par pedagógico

Eu e a minha colega de estágio não quisemos encerrar o ano letivo sem uma despedida simpática com a maior parte das turmas, principalmente com as “nossas” porque foram meses a conviver com estes meninos e criaram-se laços, mesmo com aqueles que nos pareciam mais arredios. Conversámos com o professor cooperante e ele achou uma ótima ideia. As aulas nesse dia foram mais uma vez asseguradas pelas estagiárias. Para esta aula optamos por algo diferente que envolvesse música, movimento e alguma brincadeira. De uma maneira geral, correu melhor com as turmas

do 6º ano, o que para nós já era expectante porque os alunos dos 5º anos são mais agitados e este tipo de atividades num espaço tão reduzido e com alguma liberdade de movimento é propício a alguns excessos por parte dos alunos mais inquietos, acabando por influenciar a restante turma.

A canção escolhida para ser trabalhada com os alunos foi o “Cirandeiro.” É um tema tradicional brasileiro e que permite muito improviso e muita brincadeira e foi o que aconteceu mais com umas turmas do que com outras, mas no geral resultou. Segundo Carl Orff (1895 – 1962) citado por Bona “as actividades com movimento propiciam experiências corpóreas de espaço e tempo, individuais e grupais, com diferentes dinâmicas, favorecendo a percepção do próprio corpo no espaço em relação ao grupo”. (Bona, 20129.

As planificações foram feitas pelas duas e as tarefas bem definidas. O sucesso em par pedagógico só resulta quando há uma grande interação. Afinal foram 39 aulas lecionadas em par pedagógico.

Segue em anexo o plano da aula de despedida, assim como a letra e a partitura.

3.4 Participação em situações de avaliação intercalar, de período e finais

Tive o privilégio de participar logo no 1º período das reuniões intercalares e nos três conselhos de turma que aconteceram no final de cada período letivo. Foi importante e um momento de aprendizagem. Estas reuniões intercalares são presididas pela Diretora coordenadora dos diretores de turma e estão presentes todos os diretores de turma e professores dos 5ºs anos ou dos 6ºs anos. Aconteceram em dias diferentes, havendo apenas uma reunião para cada ano. Cada D.T. faz uma primeira análise da sua direção de turma e pede a cada professor que fale sobre os problemas que mais os preocupam. A avaliação individual não é o mais importante, mas o aproveitamento e comportamento do coletivo. É pedido a cada professor que apresente estratégias de modo a colmatar fragilidades demonstradas pela turma. O nosso professor cooperante também apresentou os problemas e as estratégias. Problemas: Dificuldade na aprendizagem e problemas comportamentais. Estratégias: entreajuda entre pares, maior foco no trabalho individual, coadjuvação para a turma.

Nos conselhos de turma, apesar de continuar a debater-se os comportamentos, a avaliação quantitativa é o mais importante. É afixado na sala dos professores um calendário com o dia das reuniões e estas acontecem já em período de férias dos alunos. Deste conselho sai o nível obtido pelo aluno em cada disciplina ao longo do período e é por aí que a reunião começa, com o lançamento das notas pela D.T. e a confirmação de cada professor da respetiva disciplina para que não haja dúvidas. Estas notas são lançadas no programa INOVAR, (plataforma utilizada pelos professores para registo de atividades letivas/avaliação... como já referi anteriormente), com dois ou três dias de antecedência antes das reuniões acontecerem, para que a D.T. possa levá-las no dia do conselho de turma. Eu e a minha colega de estágio podemos ter um contacto da forma como são lançadas as notas e até em alguns momentos a oportunidade de colaborar com o professor cooperante na elaboração de algumas pautas. Foi interessante acompanhar e fazer parte deste processo de avaliação. Depois de lançados os níveis e confirmados pelos professores é que se passa para as estratégias individualizadas de acordo com as necessidades de cada aluno, analisam-se comportamentos individualmente e coletivamente assim como todas as atividades extracurriculares realizadas em cada disciplina.

Assessorias com um aluno da UAAM

Como já referi, este estágio foi enriquecedor, proporcionou-me uma imensidão de experiências, foi marcante no campo emocional. Achei que deveria fazer referência nas aulas lecionadas, uma vez que estas assessorias ocupavam tempos letivos normais do professor cooperante.

Outra situação de aulas lecionadas em par pedagógico foi com um aluno com deficiência física e mental acentuada, que apesar de pertencer à Unidade de apoio a alunos com multideficiência (UAAM), está inscrito numa turma do 10º ano para fazer aulas de educação física, mas não faz qualquer exercício com estes alunos. O adolescente tem 17 anos só que a sua idade mental é de um menino de 4 – 5 anos. Apresenta uma estrutura física muito delicada e que precisa de alguns cuidados devido aos constantes desequilíbrios que apresenta.

O nosso trabalho com este aluno constou em ir buscá-lo à sala onde funciona a UAAM e levá-lo para o ginásio ou para o campo da bola onde a turma estava a ter aulas e criarmos uma atividade. Foram duas aulas, uma em que estivemos a jogar “*boccia*”, que tem influências do jogo tradicional, *petanca*, oriunda das civilizações gregas e romanas que se tornou numa modalidade Paralímpica em 1984, nos jogos de Nova Iorque. A outra aula, consistiu em fazer lançamentos ao cesto com uma bola de basquetebol.

Tivemos ainda a oportunidade de trabalhar com outros da mesma unidade, mas em contexto de sala de aula, porque eram levados pela professora da assessoria, para que assistissem com os outros alunos às aulas de música e pudessem participar.

Não posso deixar de realçar o enorme interesse de um aluno desta unidade em participar nas aulas, principalmente com a flauta de bisel. Este menino, apesar das suas limitações físicas, revela um sentido rítmico muito apurado e adora cantar e tocar. Ainda bem que podemos dar-lhe uma atenção mais individualizada pondo-o a tocar instrumentos *orff*, uma vez que o aluno revelava algumas dificuldades motoras no manuseamento da flauta de bisel.

De facto, apesar das limitações cognitivas, que condicionavam a sua capacidade em manusear e tocar a flauta, apercebi-me de mudanças de comportamento, sempre que se tocava a flauta. Esta experiência leva a colocar uma questão: até que ponto não poderia a flauta de bisel ser um instrumento utilizado em sala pelos professores adstritos a estes alunos, com o objetivo de intervir a nível comportamental, mas também de desenvolvimento de algumas capacidades?

3.5 Aulas lecionadas ao 5º B e ao 6º A

A leção das aulas sem ser em par pedagógico teve início no mês de janeiro e terminou em Junho na última semana de aulas. As aulas estão organizadas em dois tempos letivos semanais de 50 minutos cada. Embora tenha trabalhado com todas as turmas do 2º ciclo, o maior número de aulas ocorreu com o 5º B e o 6º A e é nestas duas turmas que irei focar mais o meu relatório.

5º B – Turma formada por 21 alunos, 15 rapazes e 7 raparigas onde a média de idades era de 10, até 30 de setembro de 2016. A turma também tem 4 alunos (NEE) e 1 aluno do ensino articulado. Com esta turma desenvolvi o meu trabalho ao longo do 2º e 3º Período. Devido ao período alargado de estágio com estes alunos, criei laços fortes. Apenas três alunos mereceram uma atenção especial por se mostrarem pouco responsáveis e interessados nas tarefas propostas, condicionando o bom funcionamento das mesmas. Fazem parte de uma das bandas de garagem 3 alunos desta turma.

6º A – Turma do 6º ano com 20 alunos onde realizei o meu trabalho de estágio entre janeiro e Junho. A média de idade destes alunos é de 11, até setembro de 2016, sendo 11 raparigas e 9 rapazes. Existem 3 alunos (NEE) e o sucesso no final do ano letivo foi de 100%. O comportamento desta turma foi considerado Bom e o aproveitamento M. Bom. Foi considerada a melhor turma do 2º Ciclo.

Criei afinidade com estes alunos e deram-me a oportunidade de realizar aulas muito proveitosas, principalmente as aulas de flauta de bisel. Quando subia com os alunos, a primeira preocupação era saber se iam aprender uma música nova na flauta, ou se podiam repetir a dada na aula anterior.

A D.T. desta turma foi companheira, aberta ao diálogo, disponível para o que fosse necessário. Foi um privilégio conhecê-la e estou grata pela forma como respeitou o meu trabalho.

Como já disse, as planificações seguiram as do Manual a conselho do professor cooperante e ainda com liberdade de fazer algumas alterações, era notório que não podiam ser muitas, contudo, tentei diversificar dentro do possível com jogos musicais, voz, movimento e instrumental.

Nesta escola ao longo do ano letivo foram acontecendo muitas atividades que originavam interrupções e alterações nas planificações das aulas. É o caso dos concertos de Natal, festa de carnaval, Concerto pedagógico – “Projeto tartaruga” com a Banda da Armada Portuguesa em que muitas aulas foram preenchidas com os dois instrumentais a serem tocados na flauta de bisel e outros dois temas que foram trabalhados apenas a prática vocal. Isto acontecia com alguma frequência, fazendo

com que uma planificação tivesse de ser trabalhada para além do tempo previsto ou muitas vezes sofrerem alterações. Eram planificações um pouco abertas para que a qualquer momento fosse possível incluir ou alterar o que fosse necessário.

Procurei elaborar as minhas planificações de modo a aplicar várias metodologias e pedagogias como é o caso de Jaques-Dalcroze, Zoltán Kodály, Edgar Willems, Maurice Martenot, Carl Orff. Wuytack, tendo em conta as orientações curriculares e os programas em vigor para o 2º ciclo do Ministério da Educação.

Todos os materiais utilizados nas aulas assim como algumas planificações encontram-se em anexo. Como tenho cerca de 50 planificações, optei por selecionar alguns planos para o 5º B e outros tantos para o 6º A. Também se encontram todas as partituras e letras das canções que foram trabalhadas incluindo as do “Concerto Pedagógico - Projeto tartaruga”, partituras cedidas pela Banda da Armada Portuguesa, assim como pequenas fichas de trabalho realizadas em sala de aula.

As aulas começavam indo buscar os alunos, subir com eles, pedir que se perfilassem antes de os mandar entrar, de modo a que não houvesse margem para muita agitação. O professor cooperante sugeriu que ao assumirmos a turma esse trabalho já era nosso. Isto acontecia tanto com o 5º, como com o 6º ano. De seguida, escrevia o sumário na plataforma INOVAR e projetava-o. Enquanto os alunos escreviam o sumário no caderno, ia fazendo a chamada. Tive sempre a preocupação de ver se todos o faziam, por achar que era uma forma de os tornar mais responsáveis e organizados. Foi gratificante reparar que os alunos começaram a ter uma preocupação em levar e colocar em cima da mesa o caderno e a flauta para que visse que tinham trazido o material. Fiz sempre questão de elogiar o cumprimento desta regra.

Caso a turma se mostrasse agitada no início da aula, tinha preparado um vídeo relacionado com música, dança ou construção de instrumentos musicais. Dedicava algum tempo na busca de coisas interessantes, que cativassem a atenção, outras vezes punha videoclips sugeridos pelo professor cooperante. Quando a turma se mostrava calma seguia a planificação que incluía quase sempre a prática vocal e instrumental, com base numa canção que era desenvolvida por vezes em mais do que duas aulas. De início tentei não me desviar muito da ordem seguida pelo professor cooperante, principalmente com o 6º ano. Depois, mais segura, comecei a criar uma rotina com os

alunos que acabou por resultar bem com o 5º B onde havia alunos que revelavam mais problemas de comportamento. Houve até a necessidade de aplicar alguns métodos estudados nas aulas da PES e, porque com a aplicação do método “sem vencidos” consegui que dois alunos mais desinteressados passassem a trabalhar com regularidade e melhorado os seus comportamentos.

Para esta turma não podia haver momentos mortos e era importante estarem sempre ocupados a cantar, ou a tocar flauta de bisel. Com o 6º A, como a turma era calma, tudo acontecia naturalmente, tinha um ritmo de trabalho dinâmico, o que permitiu trabalhar vários níveis da espiral.

O meu papel de observadora foi tão curto que nem deu para os alunos sentirem estranheza ao verem-me assumir as aulas como professora logo no início do 2º período. Uma vez que as aulas eram planificadas a partir do manual 100% Música, caso constasse do plano apenas a prática vocal, primeiro era visualizado um videoclip relacionado com a canção ou a audição do CD.

Apresentado o tema, iniciava um pequeno aquecimento de voz que era quase sempre feito com base na escala de Dó M e com vocábulos (ta ou ti). De seguida usava células rítmicas de modo a trabalhar os vários níveis corporais (pés, pernas, mãos, joelhos). Isto era quase sempre feito com os alunos sentados, mas houve aulas em que o ritmo foi explorado com os alunos a andarem livremente. Segundo Martenot (1970), Citado por Fialho e Araldi “o ritmo é o elemento vital da música, pois é por meio dele que se manifesta a exteriorização mais espontânea, tanto no adulto como na criança”. (Fialho e Araldi 2012, p. 170).

Depois de trabalhado o ritmo, passava as frases melódicas da canção para lentamente os alunos começarem a entrar no tema. As frases melódicas eram tocadas no teclado e cantados por mim e só depois é que os alunos as reproduziam e sempre com os vocábulos (ti, ta). Seguiu-se a memorização da letra por partes, marcando sempre a pulsação e pedindo aos alunos que repetissem. A maior parte do repertório vocal trabalhado foi em português, principalmente o do 5º ano. Com os alunos do 6º ano o leque foi mais diversificado porque cantaram em português, em inglês e dialetos de alguns países africanos.

Apesar de não ter trabalhado como gostaria a improvisação nas aulas de prática vocal, foi possível brincar um pouco com as canções, acrescentando, retirando ou trocando partes, com o objetivo de estimular a criatividade dos alunos. Reagiam positivamente e muitas vezes davam sugestões interessantes mostrando um espírito criativo. Em algumas situações houve alunos que mostraram interesse em dançar enquanto a turma cantava. Não me opus desde que a dança fosse partilhada de forma ordeira com os colegas. É importante que os alunos tenham consciência da importância da interação com o grupo. Segundo Émile Dalcroze (1930 – 1950), citado por Mariani “O corpo, uma vez transformado em elemento musical, deve poder expressar os elementos da música, como ritmo, melodia, harmonia, fraseado e dinâmico, por meio do movimento e da expressão corporal”. (Mariani 2012, p. 45). Nasci num continente em que a música e a dança são indissociáveis e consigo entender a necessidade destes meninos em quererem expressar-se musicalmente também com o corpo. Segundo Wuytack (1935), citado por Boal Palheiros, “O corpo é um meio para a expressão da emoção musical, sendo essencial para interpretar ou dirigir. Quando o fazer musical inclui o movimento, a criança pode ter uma experiência musical mais profunda”. (Boal Palheiros 1998, p. 323). Normalmente os meninos que manifestavam vontade de dançar, eram aqueles que tinham um comportamento mais agitado e reparei que se fossem controlados resultava numa participação interessante.

Na prática vocal tentei valorizar o Património Musical Português recorrendo a vídeos de cantores, e grupos folclóricos de uma forma diversificada, para que os alunos pudessem identificar características da música portuguesa. O entrudo chocalheiro, os cantares alentejanos, Cana rachada d`Azambuja, os Deolinda, Ana Moura, Carminho, Paulo de Carvalho, Carlos Paião, Agir são exemplos de alguns dos músicos portugueses ouvidos e cantados nas aulas, (Anexo 2 planos 6, 7, 9. Anexo 3 planos 4, 5 e 8).

No estudo dos instrumentais, o procedimento era praticamente o mesmo seguido na prática vocal para os dois anos. Só depois de ter trabalhado a parte rítmica, passava a melódica, mas sempre trabalhada por pequenas células rítmicas e frases melódicas.

A parte a ser tocada na flauta de bisel era escrita no quadro pautado porque o professor cooperante fazia questão desse procedimento. Normalmente era passado

durante a aula ou no intervalo por uma das estagiárias ou pelo professor cooperante. Como havia dois quadros pautados, um tinha escrito o instrumental do 5º ano a ser trabalhado e o outro o instrumental do 6º ano e era partilhado pelos três professores nas respectivas aulas. Primeiro era visualizado um videoclip ou um áudio relacionado com o tema a trabalhar. Depois de trabalhadas a parte rítmica e a melódica é que iniciava o estudo na flauta de bisel. O método seguido é praticamente o mesmo para os dois anos, tocava pequenas frases melódicas e só depois é que os alunos reproduziam. A pedido do professor cooperante, o nome das notas era escrito por baixo, de modo a facilitar a leitura por parte dos alunos, mas mesmo assim eu gostava de as entoar enquanto os alunos tocavam na flauta de bisel. Outra regra que sempre nos aconselhou era que enquanto os alunos tocassem, um de nós estaria no quadro a apontar as notas para que os alunos não se perdessem. Apesar de não ter usado isto como regra, em algumas situações foi uma ajuda bem conseguida. O instrumental ficava consolidado quando todos conseguiam executá-lo sem e com voz guia do manual e finalmente com o Karaoke. Para mim foi importante a interpretação primeiro sem voz guia porque mais facilmente detetava as dificuldades dos alunos e assim poder corrigir possíveis falhas.

Não posso deixar de realçar o trabalho realizado com os instrumentais a serem apresentados no Museu de Marinha em que reservei uma aula para uma audição individual de modo a certificar-me de que todos conseguiam tocar os dois instrumentais. A aprendizagem destes instrumentais foi feita ao longo de várias aulas, uma vez que eram reservados sempre entre 15 a 20 minutos para serem trabalhados. O estudo destes instrumentais aconteceu apenas com o 6º A e seguiram o mesmo padrão dos outros, primeiro foi trabalhado o ritmo e só depois é que passei a parte melódica.

A improvisação na prática instrumental para o 6º ano, foi importante na aula em que abordei os conceitos teóricos de monofonia e polifonia. Para que a aula não se tornasse tão teórica, a partir de um instrumental "*Perdóname*", anteriormente trabalhado, foi possível pôr os alunos a tocar primeiro em monofonia e depois em polifonia, dividindo a turma, em três grupos.

Enquanto um grupo tocava a melodia, os outros dois iam fazendo um acompanhamento simples com notas do acorde de Dó M, tonalidade em que se encontra o arranjo. Eles entenderam a diferença e mostraram interesse no que estava a ser feito. Esta improvisação foi feita com flauta de bisel. Foi notório a alegria por parte dos alunos pelo efeito conseguido na produção sonora a nível instrumental.

Nestas aulas o maior problema que enfrentamos é o uso indevido da flauta pois os alunos mostram-se muito ansiosos para tocar e não sabem esperar a orientação do professor para iniciarem. Apesar de escreverem várias vezes a regra da flauta que diz que só devem sair da mochila quando as professoras mandarem, ou ser tocada apenas após a indicação das professoras, estas regras são esquecidas por muitos alunos.

Assim que se começa a tocar, mesmo os mais ruidosos e de comportamento mais instável que parecem ausentes da aula, mostram interesse e esforçam-se para tocar. Havendo dificuldade em realizar aulas de mais movimento devido ao elevado número de alunos por turma, e ao reduzido espaço que temos, a flauta é de facto o instrumento que os acalma e os cativa para uma atividade. Segundo Willems (1974), citado por Parejo “é bom para a educação musical da criança que ela pratique em dado momento um instrumento musical e dá como exemplo a flauta de bisel, pois a técnica instrumental, feita num sentido musical vivo, pode ser uma fonte de prazer”. Parejo (2012, pp. 89 – 123).

A improvisação também foi incluída nas planificações do 5º ano tanto na prática vocal como na instrumental. Com estes alunos, foi feita com base na escala pentatónica de Dó M. Esta escala serviu de elemento de avaliação no 3º período para o 5º ano. Para trabalhar esta escala recorri à fonomímica de Kodály e os alunos mostraram-se atentos e interessados.

Outra atividade, foi o «Loto Sonoro», com o objetivo de estimular a audição. As duas aulas foram animadas e interessantes, porque os alunos respeitaram-se, cumprindo as regras, em silêncio para poderem identificar o instrumento e fechar todas as “janelas”, conscientes da importância da interação.

Tanto para o 5º ano como para o 6º ano foram realizadas fichas de trabalho, com o objetivo de consolidar alguns níveis da espiral dos respetivos anos. Estas fichas foram realizadas individualmente e em grupo. Seguem em anexo 3 e 4.

Também foram utilizadas técnicas de produção sonora a nível tecnológico com o piano virtual para trabalharmos as escalas maiores de Dó e Fá com os alunos do 6º ano, assim como o metrónomo virtual. Os alunos tiveram a oportunidade de tocar as duas escalas no piano virtual e no teclado da sala. O sonómetro para a abordagem do decibel e a poluição sonora com os alunos do 5º ano, para além das aulas digitais do manual 100% Música. Mostraram-se muito curiosos e fizeram perguntas sobre o sonómetro.

Em relação à avaliação instrumental dos alunos, foram reservadas duas aulas por período. Os instrumentais que serviram de elemento de avaliação para o 6º ano foram: *“My heart will go on”*, no 2º Período e foi feita em pares. *“Chariots of fire, no 3º Período”*, esta individualmente. Todos tocaram, uns melhores que os outros, mas no geral o desempenho foi positivo. Para o 5º ano *“É melhor não duvidar”* no 2º Período e a escala pentatónica no 3º Período. Para estes alunos a avaliação foi individual e todos tiveram um bom desempenho.

Casos comportamentais

Ao longo do estágio muitos foram os casos comportamentais ocorridos com os alunos em sala de aula, durante as aulas observadas e as aulas lecionadas pelas estagiárias e que de uma forma ou de outra, tentámos resolver a partir dos ensinamentos adquiridos na unidade curricular de Psicologia Educacional. Apresento dois casos de alunos nas aulas observadas e um das aulas lecionadas.

1º caso

Aluno A do 6º ano, 12 anos de idade, repetente. Revelou um comportamento inadequado em sala de aula e para com os colegas, daí a sua mudança a meio do ano para outra turma. Esta decisão foi tomada em conselho pedagógico devido às queixas dos professores e colegas.

Apos o primeiro mês de mudança, o aluno começou a revelar um comportamento irregular. Fiz uma aproximação de modo a quebrar aquela atitude por vezes defensiva e noutras situações apática. A ideia era procurar descobrir o que se passava. É de salientar que o aluno no 3º período acabou por ir para casa com duas suspensões, por atitudes incorretas para com dois professores, tendo sido a segunda na última semana de aulas.

Esta decisão levantou-me algumas dúvidas. Até porque o comportamento se manteve de forma agravada. A decisão assume um carácter de crítica às atitudes do aluno. Porém, seria necessário perceber as causas desse comportamento. Este processo, leva-me a um pensamento de Gordon:

As críticas não conseguem promover a mudança nas escolas por duas razões principais. Primeiro, concentram-se mais nos sintomas, do que nas causas. Quando falam da apatia ou da raiva dos alunos, estão a descrever atitudes, sentimentos ou comportamentos que são sintomas do problema, não o problema em si mesmo (Gordon,1977, p. 224).

De acordo com este autor a escola não terá ido ao problema em si, mas apenas aos sintomas. É interessante quando ele dá o exemplo do nariz entupido e a pneumonia porque parece que foi isso que aconteceu com o aluno. Ou seja, a mudança de turma não era o problema.

Outro exemplo do comportamento do aluno em sala de aula pode ser verificado nesta tabela.

2º Caso

Aluno B de uma das minhas aulas lecionadas ao 5º B. Mostrou-se pouco recetivo às chamadas de atenção, quase não trabalhava e estava sempre a criar conflitos com os colegas. Só sabia falar aos gritos e tinha dificuldade em aceitar que estava errado. Um dia, no final da aula perguntei se podia esperar um pouco que gostaria de conversar com ele. Mostrou-se desconfiado, mas depois quando todos saíram, estava sentado à espera de mim. Recorri ao método III de Gordon, para tentar resolver o problema. A conversa foi proveitosa e sempre que me encontrava no autocarro dizia que se ia portar bem. Este aluno teve nível 2 no 1º período e não

queria que isso voltasse a acontecer, mesmo porque no 2º período o aluno iria ser avaliado por mim. Disse-lhe que gostaria que subisse a nota mas para isso teria de me ajudar a encontrar uma maneira. Perguntei o que achava que poderia ser feito. Como não conseguia sugerir nada, convenci-o a passar a sentar-se ao fundo da sala ao lado do professor cooperante para não se distrair tanto.

A colaboração do professor cooperante foi importante porque passou a ajudá-lo a tocar flauta de bisel e conforme ia aprendendo, notei que se sentia mais motivado adotando uma outra postura. Passou a cantar, coisa que “detestava”. No dia da avaliação saiu-se bem e os três ganhamos com isso. Desde que iniciámos o processo, até à total aceitação da mudança de lugar foram cerca de três aulas. No final de cada aula fazia-lhe chegar a minha satisfação por ter ajudado a resolver o problema. É de realçar que no lugar onde este aluno se sentava, havia um outro com características muito idênticas. O atrito entre ambos era constante, o problema é que o colega ainda ia trabalhando nas aulas. Para este segundo aluno, solicitei a ajuda da minha colega que passou a sentar-se ao lado dele e a trabalhar de forma mais individualizada.

A “escuta ativa” nestes dois casos foi muito importante. Houve um ou outro dia em que se mostraram um pouco mais instáveis, mas no geral estiveram mais produtivos até ao final do ano letivo, o que me leva a referir o método III de Thomás Gordon, o “método sem vencidos”.

3.6 Atividades Extracurriculares:

3.6.1 Concerto de Natal

Não sei se poderei chamar a esta atividade festa de Natal porque o que aconteceu durante dois dias, foi uma articulação entre as aulas de educação musical e outra, que se juntavam para irem cantar a dois blocos. Na aula seguinte, outra turma juntava-se à que estava a ter a sua aula de música e íamos com eles a outros blocos. Eram sempre duas turmas do mesmo ano porque as atividades eram diferentes. Para levarmos os alunos para os blocos, havia o professor cooperante, as duas estagiárias e o professor da turma que se juntava a quem estava a ter aula de música. Houve uma boa coordenação e o mapa das apresentações estava bem elaborado.

Quando chegávamos ao bloco indicado, os cerca de cinquenta alunos eram arrumados ao longo da escadaria, ligado o amplificador, colocado o suporte áudio e à indicação do professor cooperante ou de uma das estagiárias os alunos começavam a cantar. Os alunos e professores que estavam em aulas vinham ver o que passava. No fundo funcionava como efeito surpresa. As reações eram variadas. Esta apresentação foi feita em dois dias para que fosse possível agrupar todas as turmas e serem visitados todos os blocos, incluindo a direção, sala dos professores e serviços administrativos. O concerto na sala dos professores aconteceu durante o intervalo maior e houve professores que dançaram enquanto os alunos cantavam. Foi divertido e interessante ver a interação entre professores e alunos.

3.6.2 Almoço convívio de Natal do Agrupamento

Pela primeira vez, desde que a escola passou a agrupamento foi organizado um almoço com todos os docentes, pessoal auxiliar e administrativo de todas as escolas que fazem parte do agrupamento de escolas. Apenas os alunos não estiveram presentes. Este almoço teve lugar a 22 de dezembro, no refeitório dos alunos. O almoço foi participado pelos presentes e permitiu o intercâmbio. Foi interessante descobrir que havia docentes que tinham passado pela FCSH.

3.6.3 Projeto Tartaruga – Museu de Marinha.

O concerto aconteceu a 9 de março, no Museu de Marinha, e participaram várias escolas do concelho, incluindo escolas do 1º ciclo com os alunos do 4º ano. Acompanhei o 6ºA com a respetiva D.T. A curiosidade por parte dos alunos era grande. Fomos encaminhados para o local do concerto e sentados num enorme tapete que revestia o centro do salão. A banda da armada, com cerca de quarenta elementos, já se encontrava a aguardar a nossa chegada.

O concerto começou com uma pequena explicação por parte do mais jovem músico da banda sobre os objetivos da atividade: 1. Alertar para a importância do mar e os seus problemas. 2. Conhecer e tomar contacto com uma banda e como funciona. De seguida, apresentou os vários instrumentos por famílias, os de sopro de madeira e

os de metal, instrumentos de corda e finalmente os de percussão. Enquanto isso, os músicos tocavam pequenas linhas melódicas ou compassos de temas infantis conhecidos, de modo a que os alunos ficassem com uma ideia do som do instrumento.

Feita a apresentação de todas as famílias de instrumentos presentes na banda, foi a altura de tocarem pequenas peças muito conhecidas através dos desenhos animados da Disney. Foi engraçado sentir a agitação deles quando ouviram a música da “Pantera cor-de-rosa, dos *Flintstones*, do Lobo mau” e outros. A atuação da banda continuou com um repertório erudito como a “A flauta mágica, Pedro e o Lobo e Carnaval de Veneza.” Seguiram-se duas marchas, acompanhadas pelos alunos com palmas.

Passou-se ao momento mais aguardado em que iriam tocar em conjunto os instrumentais “*Marching recorders* e *Prodígio*.” As partituras tinham sido enviadas pelo maestro da banda para as escolas que iam participar, com seis semanas de antecedência. Estes instrumentais foram trabalhados durante algumas aulas. O 6º A foi a turma que estive a meu cargo e foi gratificante ver a preocupação enquanto aguardávamos para entrar. Todo o tempo queriam que os ouvisse tocar e não paravam. A D.T. desta turma estava mais ansiosa do que eu.

Foi possível constatar a importância da flauta de bisel como instrumento motivador porque podem mostrar o que são capazes de fazer e ao mesmo tempo é um momento de grande partilha e de respeito pelo trabalho do outro. Neste caso eram cerca de 200 crianças a tocarem em simultâneo. Deu para sentir que estavam para darem o seu melhor para que tudo corresse bem. Antes de iniciarem, o maestro da banda da armada pediu aos alunos que levantassem as flautas e foi emocionante ver a quantidade de flautas de bisel a acenarem. Quando o maestro pediu silêncio para se dar início ao concerto, souberam acatar.

Quando o maestro deu a orientação para a “*Marching Recorders* foi emocionante ouvir os pequenos músicos acompanharem com tanta segurança a marcha. Seguiu-se o “prodígio” e penso que foi o momento mais bonito porque a peça é envolvente pela suavidade. Este segundo tema tem uma parte instrumental e uma parte vocal. O concerto terminou com todos a cantarem a “*Marcha dos marinheiros*.”

A Banda da Armada Portuguesa no final aplaudiu em pé as crianças e agradeceu a participação elogiando o trabalho e o comportamento dos alunos.

Foi a atividade mais marcante porque tive uma turma a nosso cargo e foram seis semanas a trabalhar para este evento que resultou tão bem. Foi um trabalho de ensino exaustivo, tendo como instrumento a flauta de bisel.

Um dos aspetos facilitadores desta aprendizagem, foi o tipo de repertório escolhido. Ou seja, se é verdade, como já referi, que a flauta em termos instrumentais, é atrativo para os alunos, combinando esse especto com um repertório adequado às características das crianças, mais fácil se torna o ensino da música.

3.6.4 Projeto “Bandas de Garagem” - Apresentações:

O projeto “Bandas de Garagem” foi criado pelo professor cooperante acerca de 8 anos com o objectivo de proporcionar aos alunos a continuação do estudo da música. A escola só tem educação musical no 2º ciclo e com este projecto, os alunos interessados passam por uma seleção para que sejam direccionados para os instrumentos em que melhor se encaixam. Os candidatos não precisam de saber tocar qualquer instrumento, basta que tenham vontade de aprender e que sejam responsáveis e persistentes. As bandas são formadas por alunos do 2º e 3º ciclos e secundário. Existiam 4 bandas e cada uma tinha 2 cantoras, 1 baterista, 1 baixo, 1 aluno no teclado e 2 guitarristas. Estas guitarras estão ligadas a um amplificador que apesar de muito pesado, é um “companheiro fiel”.

Os ensaios das bandas aconteceram às segundas, e quintas e a hora foi ajustada de acordo com a disponibilidade dos alunos. A escolha das músicas esteve a cargo dos alunos e os arranjos feitos pelo professor cooperante eram simples de modo a que os alunos memorizassem os acordes. Alguns dos arranjos aconteciam durante os ensaios e as estagiárias davam a sua opinião, sempre que pedida. Faziam parte do reportório das bandas as canções “Tempo é dinheiro e *One Night Stand*” do músico português Agir, “Loucos” do músico angolano Matias Damásio, “Daimonds” da cantora Rihanna, “*The Sound of Silence*” da dupla Paul Simon/Garfunkel e “*Mercy*” do cantor Shawn Mendes.

Apesar de termos trabalhado com a banda das segundas-feiras, acabámos por realizar algum trabalho com as outras 3 bandas porque sempre que havia saídas, os componentes de todas as bandas reuniam-se para ensaiar. Os ensaios aconteciam na sala de educação musical. O trabalho das estagiárias era de apoiar vocalmente as cantoras ou, ajudar os músicos a memorizarem os acordes e as melodias, isto quando estávamos a ensaiar.

3.6.5 Entrega dos diplomas de mérito

Logo no início do nosso estágio fomos informadas que as bandas iam atuar na festa de entrega dos diplomas de mérito e de valor dos alunos do Agrupamento que se destacaram no ano letivo de 2016/2017. A festa aconteceu em outubro na Tagus Park. O tempo para preparar os alunos foi curto. Foi a primeira atividade em que participámos. Não pude deixar de constatar a dificuldade que acarreta termos tantos adultos, adolescentes e crianças dentro de um auditório e exigir silêncio.

A diretora fez um pequeno discurso e de seguida foram entregues os diplomas e só depois é que houve a atuação das bandas. Achei que o trabalho era dificultado pelo excesso de ruído. Para agravar a situação, parte dos pais já se tinham ido embora e os que ficaram não mostravam muito interesse porque estavam a conversar uns com os outros. A escola só faz sentido quando há o envolvimento de toda a comunidade. Não é possível exigirmos disciplina aos alunos quando os pais demonstram esse comportamento. A família é o primeiro elemento social que vai influenciar na educação de uma criança. Mesmo assim, as bandas atuaram e estiveram muito bem.

3.6.6 I Encontro de Educação Musical de Cascais

Este encontro realizou-se a 25 de maio no auditório da Junta de Freguesia do Estoril. A iniciativa partiu do professor, Aurélio José Martins, docente de um dos agrupamentos e que juntou professores e alunos de vários agrupamentos de escolas do Concelho de Cascais. O professor cooperante fez o convite e achámos que era uma oportunidade a não perder. O objetivo principal era divulgar, fora do espaço da sala de aula e da escola, o trabalho realizado por clubes de música dos vários agrupamentos.

Alunos do 5º ao 12º ano tiveram a oportunidade de apresentar variados géneros musicais como: grupos de guitarra, um coro a *cappella*, solistas, grupos vocais e instrumentais de flauta e laminas, um clube de teatro, exemplo de como podemos adaptar o teatro à música. A nossa escola fez-se representar com as 4 bandas de garagem.

Como todos estavam ali para o mesmo, apresentarem o que fazem de melhor nas suas escolas, a receptividade foi boa. Foi gratificante ver a diversidade e a qualidade de manifestações musicais e não só, realizadas nas escolas do concelho. A mobilização de tantas crianças e a disponibilidade e entrega de professores e encarregados de educação num dia de semana em horário pós-laboral foi determinante para que o encontro fosse um sucesso.

3.6.7 Festa do dia do Agrupamento

A festa do dia do Agrupamento de Escolas aconteceu a 9 de junho com o tema “Lusofonia de A a Z.” Todas as escolas do Agrupamento, incluindo o jardim-de-infância, estiveram presentes. Foi montado um palco onde aconteceram atividades. A festa começou às 8:20 na Biblioteca com Histórias em Português e crioulo; *ateliers* de pintura; bancas de bijuterias e doces feitos pelos alunos; caça ao tesouro bilingue; grupos de dança; exposição de trabalhos dos alunos do secundário, 3º, 2º e 1º ciclo; modalidades desportivas; jogos tradicionais e outras atividades que aconteciam, umas em simultâneo, outras ao longo do dia.

Diretamente relacionado com a música tivemos as 4 bandas de garagem; o grupo de flautas de bisel dos alunos do 4º ano; o Mural do fado com alunos do 4º ano e uma orquestra filarmónica de uma escola de música do concelho. Foi muito interessante a participação dos alunos do secundário que, para além do que apresentaram aos colegas, também asseguravam a boa convivência entre todos. Este dia esteve aberto aos pais, mas não foram muitos os que participaram. Penso que o horário também não ajudava e o dia estava particularmente quente. Foi bom ver a participação de muitos docentes e pessoal auxiliar na parte da “Lusofonia” envergando trajas tradicionais dos países lusófonos

3.6.8 Festa de finalistas de alunos do 1º ciclo

As “Bandas de Garagem” estiveram em evidência na festa de finalistas de alunos do 4º ano de uma das escolas do 1º ciclo que faz parte do Agrupamento. Esta festa aconteceu a 6 de junho e decorreu num horário pós-laboral. Eu e a minha colega estivemos presentes para apoiar o professor cooperante, e entendermos a dinâmica que envolve uma festa destas e acompanhar meninos das nossas turmas.

Quando chegámos à escola já lá estava o professor a ligar e afinar os instrumentos. A festa iniciou com um jantar para os alunos finalistas. Às 20:30 abriram as portas do pavilhão e a festa começou com um breve discurso da diretora do Agrupamento, que agradeceu ao professor cooperante e às estagiárias pela disponibilidade. Seguiu-se a atuação das bandas e depois fez-se a entrega dos diplomas.

4. Participação no Projeto de Investigação “Qual o valor didático de uma canção para os alunos do 2º Ciclo?”

No âmbito da prática de Ensino Supervisionada, participei na investigação “Que canção cantar para educar?”, sob a coordenação do Professor João Nogueira Ver Anexo. O propósito desta investigação é o de “mostrar que as canções são um elemento fundamental na educação musical” (Nogueira, 2017).

O estudo implicava a realização de entrevistas a 6 professores de educação musical do 2º ciclo sobre 9 canções que utilizavam na sua prática de educação musical. As entrevistas procuraram chegar à definição dos constructos (critérios bipolares) através da escolha de 2 canções com características semelhantes e que contrastam

com uma terceira canção. Deste modo, obtiveram-se os constructos pessoais que determinaram as escolhas. Estes critérios são discutidos em termos das concepções e dos valores de cada um dos professores relativamente à educação musical.

Era essencial que os professores entrevistados se mostrassem predispostos a participar nesta espécie de “jogo.” Da mesma forma, que foi importante da minha parte, para conduzir corretamente a entrevista, em função dos objetivos definidos, perceber bem o que se pretendia com a investigação, nomeadamente o conceito de “construtos”.

No primeiro momento, não foi fácil conduzir a entrevista. Notou-se um certo desinteresse por parte do entrevistado. Aliás, os resultados obtidos não correspondiam totalmente ao que se pretendia e daí que se tenha decidido fazer uma segunda entrevista. A entrevista começou com a escolha das 9 canções, uma entrevista conduzida, de forma a obter do entrevistado os elementos necessários para a investigação.

Sendo, aparentemente, uma atividade acessória, este trabalho acabou por encerrar alguns ensinamentos, com utilidade no futuro. Nomeadamente, a existência de vários tipos de entrevistas, mais abertas ou mais fechadas, mais conduzidas ou mais soltas, o essencial é que ajudem a alcançar o objetivo. Por exemplo, no meu estágio, tive, por diversas vezes, de falar com os alunos, interrogando-os de forma a perceber problemas que os afetavam. Ter a capacidade de escolher para cada caso o método, a forma de entrevista pode ajudar a estabelecer uma comunicação mais profícua. Penso até que seria interessante haver no decorrer do nosso curso ou do nosso estágio, momentos de formação ou de ação sobre como conduzir entrevistas.

<https://www.dropbox.com/s/grvx8bx4fbr8wi2/Que%20can%C3%A7%C3%A3o%20cantar%20para%20educar.pdf?dl=0>

Reflexão crítica e conclusão

O tema central do meu trabalho foi a flauta de bisel como instrumento motivador dos alunos. Por isso, em diversas situações e momentos, faço relevo à importância que assumiu a flauta de bisel em sala de aula ou fora dela, ajudando os alunos na sua evolução pedagógica e contribuindo para um bom ambiente na sala, bem como em contexto não escolar.

A flauta de bisel foi a minha grande aposta e penso que bem conseguida, tanto para o 5º ano como para o 6ºano. Trata-se, apesar de tudo, de uma prática relativamente recente, remontando ao ano de 1980, mas que rapidamente encontrou um campo de difusão, sendo a flauta de bisel o instrumento mais utilizado, seja ao nível do ensino genérico ou do ensino vocacional.

A flauta, estou convicta, ajudou a uma melhoria na relação entre os alunos, dinamizando a entre ajuda, uma vez que permite incrementar esse tipo de relação. Rapidamente os alunos comparam e partilham os conhecimentos adquiridos.

Inclusive, entre ou com os alunos portadores de deficiências, um aspeto que me parece que pode ser mais dinamizado, pois o acolhimento destes alunos aos sons é muito agradável e sugestivo.

Um outro aspeto que quero realçar é que ao contrário de outros instrumentos musicais, a flauta de bisel é bastante acessível em termos de custos, fácil de transportar e de fácil aprendizagem. Ou seja, pode ser um bom meio de democratização da aprendizagem musical. Este aspeto permite que os alunos levem a flauta de bisel para casa, e o utilizem fora das aulas, seja em termos individuais, seja em grupos, pois muitos dos alunos vivem nos mesmos bairros.

No meu estágio tive diversos momentos de formação e atuação em conjunto, tendo como instrumentos unificador a flauta de bisel. O facto de ser possível atuações em grupo, contribui para o reforço do espírito coletivo. Por isso me parece importante garantir os exemplares necessários em sala de aula, de modo a que todos os alunos tenham acesso a este instrumento musical, não ficando de algum modo impedidos de usufruir da aprendizagem

A aprendizagem é mútua. Não vai apenas num sentido. Como professora, apercebi-me que a flauta de bisel permite, de uma forma mais fácil, simples e menos desgastante, o ensino da música. Isto significa que fica um espaço mais amplo e aberto, uma margem maior para o professor se concentrar nos seus alunos. Porém, torna-se necessário dotar o corpo docente das capacidades necessárias para potencializar a utilização da flauta de bisel.

Para além destes aspetos, gostaria de referir, mais algumas conclusões gerais sobre o que de mais relevante aconteceu, o que aprendi, constatei e desenvolvi e até como cresci durante o estágio em Educação Musical no Ensino Básico, na escola do concelho de Oeiras.

O trabalho apresentado é o culminar de mais uma etapa do meu já longo percurso ligado a outras áreas do ensino. A oportunidade de aprender mais e poder aprofundar os meus conhecimentos, de participar num projeto de investigação sobre a educação musical e alargar o leque de conhecimentos para além da matemática, foram razões que me incentivaram a percorrer este caminho, nem sempre fácil, mas que me despertou ainda mais o gosto pelo ensino da educação musical.

Chegada a esta fase, devo reconhecer que o balanço é francamente positivo e o que considere alcançados os objetivos principais.

Este trabalho está dividido em quatro partes, sendo a primeira dedicada a uma breve contextualização do que tem sido a educação musical em Portugal, baseado num texto de Graça Mota e que dei um subtítulo “Educação Musical em Portugal, uma composição cheia de notas soltas”, porque é a sensação com que fiquei, depois de ler o artigo....

O estágio permitiu uma experiência de lecionação em par pedagógico que resultou numa grande aprendizagem e desafio. Acredito que o sucesso se deveu ao respeito do trabalho de cada uma, às planificações elaboradas, à divisão de tarefas em sala de aula e ao companheirismo sempre presente com a minha colega de estágio.

Em relação às aulas lecionadas, fui crescendo de aula para aula e tentei tirar o maior partido naquilo que gosto de fazer que é tocar. A flauta foi o instrumento mais trabalhado nas aulas, contudo, os alunos puderam ter contacto com outros

instrumentos *orff* durante o meu período de lecionação. Procurei criar aulas dinâmicas de movimento, prática vocal e instrumental, jogos, dança porque é assim que penso que a educação musical deve ser. O grau de exigência proposto aos alunos esteve ao alcance de todos e isso deu uma motivação adicional.

Ao longo dos nove meses de estágio estudei várias metodologias e pedagogos, investiguei sobre a organização Curricular e Programas que orientam a educação musical para o 2º ciclo do ensino básico em Portugal, assim como os conteúdos programáticos, de modo a apetrechar-me de ferramentas que me permitissem explorar uma outra área do ensino a que não estava tão familiarizada. Tenho de realçar o que representou o período de aulas observadas porque permitiu acumular informação e experiência sobre questões de organização das aulas, resolver problemas comportamentais e ter um maior conhecimento dos alunos. Foram de grande valia os textos de Thomas Gordon, psicólogo clínico estudado no primeiro ano de mestrado, que através do método “sem vencido” indica um caminho para tentar resolver situações comportamentais através da escuta ativa.

Na prática vocal tentei valorizar a música portuguesa e dar a conhecer aos alunos músicas do mundo.

A nível pessoal, quando conclui a licenciatura em Ciências Musicais, o mestrado foi sempre a única opção. A minha formação musical foi feita numa academia de música há mais de quarenta anos e o modelo de ensino era o dos conservatórios. Na escola, a música resumia-se ao canto coral. A vontade de ter contacto com metodologias modernas, constituiu para mim um grande desafio. Gosto de ensinar e se poder ajudar crianças com mais dificuldades na aprendizagem da matemática através da música, será um desafio ainda maior. A experiência vivida neste estágio de mestrado proporcionou-me, por isso, uma outra visão do ensino da música, bem como de novos conhecimentos e instrumentos sobre a importância pedagógica e até social do ensino da música que espero aplicar daqui em diante.

Referências Bibliográficas

- Boal Palheiros, Graça, & Bourscheidt (2012). Jos Wuytack: A pedagogia musical ativa. In T. Mateiro & B. Ilari (Org.), *Pedagogias em Educação Musical* (pp. 304 – 341). Curitiba, Brasil: Editora intersaberes.
- Bona, M. (2012). Carl Orff: Um compositor em cena. In T. Mateiro & B. Ilari (Org.), *Pedagogias em Educação Musical* (pp. 125 – 156). Curitiba, Brasil: Editora intersaberes.
- Ceia, Carlos (2010). *O professor na caverna de Plutão. As recentes políticas para a formação de professores em Portugal e o futuro da profissão*. Casal de Cambra - Portugal Edições e Artes Gráficas, SA.
- Fialho, Vania., & Araldi, Juciane. (2012). Martenot: Educando com e para a música. In T. Mateiro & B. Ilari (Org.), *Pedagogias em Educação Musical* (pp.157 –1 84). Curitiba, Brasil: Editora intersaberes.
- Figueiredo, I. Fernandes, R. (2016). *Nota a Nota 5 – Educação Musical 5º ano 2º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Raiz Editora.
- Gordon, T.& Burch, N. (1997). *PEE – Programa de Ensino Eficaz*. Lisboa: ESSE João de Deus.
- Mariani, Silvana. (2012). Laques-Dalcroze: A música e o movimento. In T. Mateiro & B. Ilari (Org.), *Pedagogias em Educação Musical* (pp. 25 – 54). Curitiba, Brasil: Editora intersaberes.
- Mateiro, T., & Ilari, B. (Org.) (2012). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba, Brasil: Editores intersaberes.
- ME-DGEBS. (1991). Educação Musical. In DGEBS. (Ed). *Organização curricular e programas – Vol. I Ensino Básico – 2º ciclo*. (pp. 211 – 228). Lisboa: Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário.
- Mota, G. (2014). Educação Musical em Portugal: uma história plena de contradições. *Debates – Unirio*, 13, 14-50. Consultado em Agosto de 2017 em: www.seer.unirio.br/index.php/revistadebates/article/download/4609/4120

Neves, A. Amaral, D. & Domingues, J. (2016) *Manual do Professor 100% Música Educação Musical – 5º ano*. Lisboa: Texto Editores, Lda.

Neves, A. Amaral, D. & Domingues, J. (2013). *100% Música Educação Musical - 6º ano*. Lisboa: Texto Editores, Lda.

Neves, A. Amaral, D. & Domingues, J. (2017). *Manual do Professor 100% Música Educação Musical - 6º ano*. Lisboa: Texto Editores, Lda.

Nogueira, J. (2017). *Que canções cantar para educar*. Documento provisório. FCSH/CESEM - Universidade Nova de Lisboa.

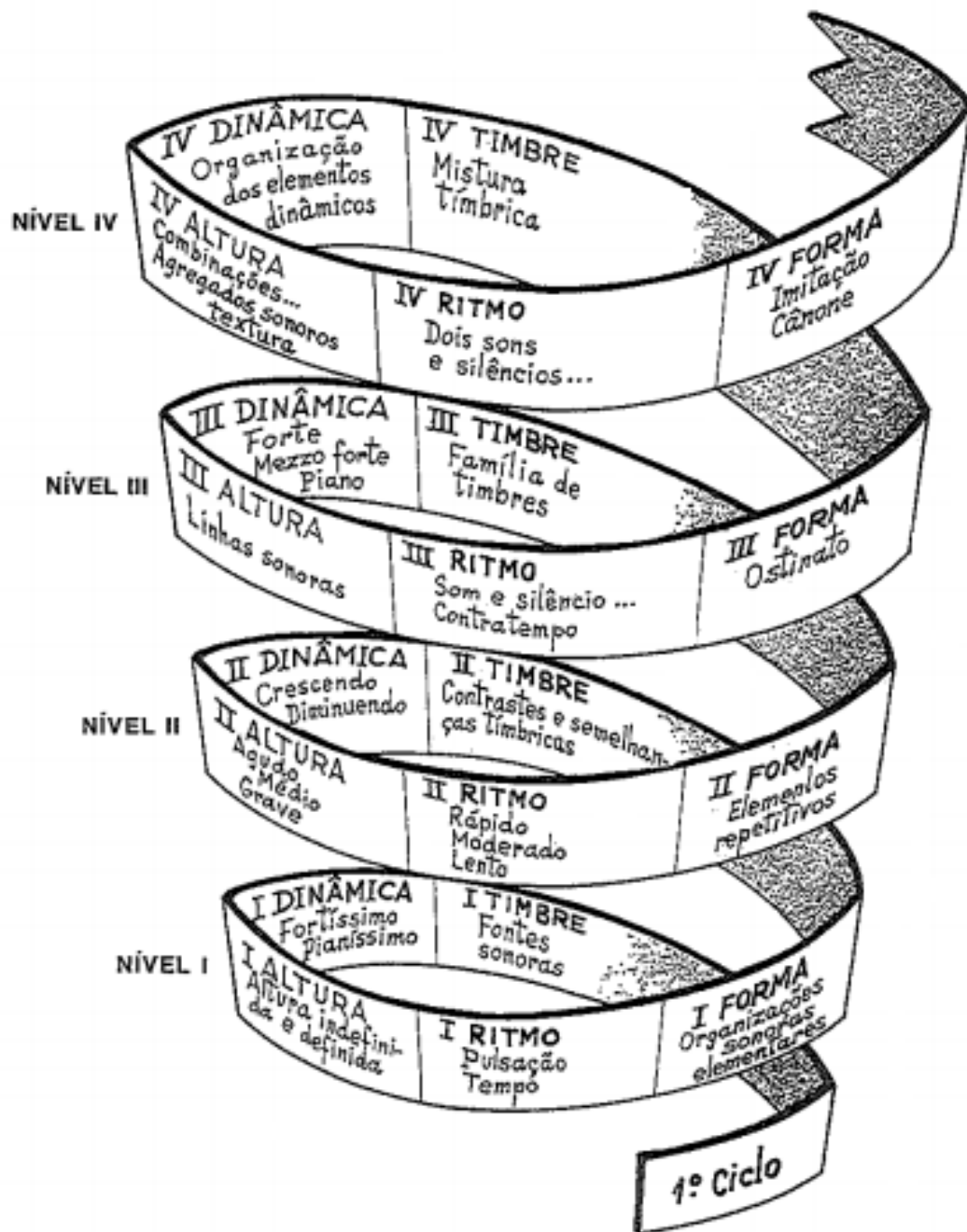
Parejo, Enny. (2012). Edgar Willems: Um pioneiro da educação musical. In T. Mateiro & B. Ilari (Org.), *Pedagogias em Educação Musical* (pp. 89 – 123). Curitiba, Brasil: Editora intersaberes.

Silva, W. (2012). Zoltán Kodály: Alfabetização e habilidades musicais. In T. Mateiro & B. Ilari (Org.), *Pedagogias em Educação Musical* (pp. 55 – 87). Curitiba, Brasil: Editora intersaberes.

Anexos

Anexo 1

(Espiral de conceitos / conteúdos organizados por níveis)



ESPIRAL DE CONCEITOS adaptada de Manhattanville Music Curriculum Program

Fig. 1 – Espiral de Conceitos - ME-DGEB. (1991). Educação Musical. In DGEB. (Ed). *Organização curricular e programas – Vol. I Ensino Básico – 2º ciclo.* (pp. 211 – 228). Lisboa: Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário.

CONTEÚDOS ORGANIZADOS POR NÍVEIS

NÍVEL VI	Ataque, corpo e queda do som. (Perfil sonoro)		Escalas modais. Melodia. Harmonia.	Sons e silêncios em três pulsações. Organização binária e ternária. Anacrusa.	Forma binária e ternária. A B : A B A
NÍVEL V	Combinação de timbres.	Organização dos elementos dinâmicos.	Escala Pentatónica. Bordão.	Sons e silêncios com duas e quatro pulsações. Padrões rítmicos. Compasso.	Motivo. Frase.
NÍVEL IV	Mistura tímbrica.		Combinações de linhas horizontais e verticais. Agregados sonoros. Três sons em diferentes registos. Textura.	Um som e um silêncio de igual duração numa pulsação. Contratempo.	Imitação. Cânono.
NÍVEL III	Família de timbres.		Forte Mezzo forte Piano.	Linhas sonoras ascendentes e descendentes: ondulatórias, contínuas e descontínuas. Dois sons em diferentes registos.	Som e silêncio organizados com a pulsação. Dois sons e silêncios de igual duração numa pulsação.
NÍVEL II	Contraste e semelhança tímbrica.	Crescendo e Diminuendo.	Registos: Agudo. Médio. Grave.	Andamentos: Presto. Moderato. Lento. Accelerando. Ritardando.	Elementos repetitivos.
NÍVEL I	Fontes sonoras não convencionais e convencionais.	Fortissimo. Pianissimo.	Altura indefinida e definida.	Pulsação. Tempo.	Organizações elementares.
NÍVEIS					
CONCEITOS	TIMBRE	DINÂMICA	ALTURA	RITMO	FORMA

CONTEÚDOS ORGANIZADOS POR NÍVEIS

(Continuação)

NÍVEL XII	Timbres produzidos e preparados por instrumentos electrónicos.	Alteração electrónica de perfis sonoros: síntese do som.	Sons de objectos, instrumentos e voz, transformados electronicamente.	Ritmos mecânicos produzidos por instrumentos electrónicos.	Formas abertas.
NÍVEL XI	Timbres resultantes de novas técnicas vocais e instrumentais e de instrumentos preparados.	Densidade sonora.	Atonalidade. Série de sons.	Ritmos assimétricos.	Organização de séries.
NÍVEL X	Harmonia tímbrica. (Fusão).		Melodia com acompanhamento de acordes.	Três sons iguais numa pulsação. Compasso composto.	Rondó.
NÍVEL IX	Pontilismo tímbrico.	Tenuto. Storzato.	Escalas Maiores e menores. Intervalos de 3. ^a Maior e menor. Acordes M e m. Tonalidade.	Ritmos pontuados. Alternância de compassos simples.	
NÍVEL VIII	Expressividade através de selecção tímbrica.		Intervalos melódicos e harmónicos.	Sincopa.	Introdução Coda Interlúdio Forma binária e ternária. AB : ABA
NÍVEL VII	Alteração tímbrica. Realce tímbrico.	Legato Staccato	Simultaneidade de duas ou mais melodias diferentes.	Quatro sons iguais numa pulsação. Monorritmia, Polirritmia.	
NÍVEIS CONCEITOS	TIMBRE	DINÂMICA	ALTURA	RITMO	FORMA

Fig. 2 – Tabela de Conteúdos - ME-DGEBS. (1991). Educação Musical. In DGEBS. (Ed). *Organização curricular e programas – Vol. I Ensino Básico – 2º ciclo.* (pp. 211 – 228). Lisboa: Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário.

Anexo 2
(Planificação de aulas lecionadas ao 5º B)

Sumário	<p><i>Apresentação e estudo da figura rítmica “colcheia.”</i></p> <p><i>Início do estudo do esquema rítmico «Uptown funk».</i></p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 29) • Caderno diário • Ritmos corporais. • 20 AULA DIGITAL
Observações	<p>Sendo a primeira aula sem ser em par pedagógico, foi muito bem conseguida e o feedback do professor foi favorável.</p>

Plano 2 (continuação do plano 1)

Turma **_5º__B**

Duração: 50 minutos

Conceito / Tema: Ritmo	
Atividade: «Uptown funk»	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Colcheia
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a colcheia. • Executar a colcheia. • Executar uma música com colcheias. • Executar um esquema rítmico com a música «Uptown funk».
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Visualização de um vídeo do músico Bruno Mars: <ul style="list-style-type: none"> Mark Ronson - Uptown Funk ft. Bruno Mars - YouTube https://www.youtube.com/watch?v=OPf0YbXqDm0 • Esquemas rítmicos com a mão direita e a mão esquerda.

Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Utilização da letra D – direita e E – esquerda. Cada aluno recebeu um E e um D, para a realização deste exercício. • Execução individual dos exercícios rítmicos. • Estudo individual das partes A, B, C e D ritmicamente. • Introdução do karaoke e estudo individual das partes A, B,C e D com karaoke. • Execução integral da música com karaoke e ritmos corporais.
Sumário	<p><i>Continuação do estudo da figura rítmica “colcheia”.</i></p> <p><i>Continuação do estudo do esquema rítmico «Uptown funk».</i></p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 29) • 20 AULA DIGITAL <p>Áudio 🎧 CD1 Faixas 35-36</p> <p>Karaoke 11</p> <p>Quadro</p> <p>Flauta de bisel</p> <p>Caderno diário</p>
Observações	<p>Reparei que alguns meninos tinham alguma dificuldade em distinguir a mão direita da esquerda, arranjei a tetra D e a letra E para trabalhar com eles as duas mãos. A aula foi muito bem conseguida porque o som das madeiras a baterem nas mesas resultou muito bem. O exercício foi repetido algumas vezes a pedido dos alunos.</p>

ptown funk FORMA: INTRODUÇÃO 3 A B C D A B

The image shows a musical score for a piece titled 'ptown funk'. The score is organized into sections: 'INTRODUÇÃO 3', 'A', 'B', 'C', and 'D'. Section A is marked '4x' and includes a drum icon. Section B is marked '4x fine'. Section C is marked '2x'. Section D is marked 'D.S. al Fine'. The score uses a single staff with notes and rests, and includes chord letters D and E below the notes.

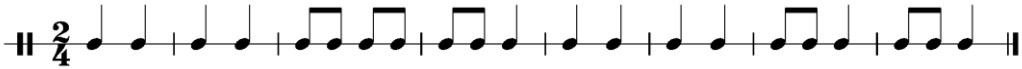
Fig. 3 – Fonte: Arranjo retirado do Manual 100% Música 5º ano

Plano 3

Turma 5º_B

Duração: 50 minutos

Conceito / Tema: Ritmo	
Atividade: À descoberta dos andamentos	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Andamento • Adagio, Moderato e Presto • Compasso binário • Ostinato rítmico
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar auditivamente os andamentos adagio, moderato e presto. • Identificar o compasso binário- • Executar um ostinato rítmico, em adagio, moderato e presto.

Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Audição de exemplos de andamentos em adagio, moderato e presto enquanto os alunos se movimentavam pela sala, de acordo com o andamento que ouviam. • Apresentação dos andamentos adagio, moderato e presto. Explicação da origem das palavras. • Apresentação do ostinato rítmico. Realização de alguns exercícios. Ex:  <ul style="list-style-type: none"> • Execução de ostinatos rítmicos nos andamentos: Adagio, Moderato e Presto. • Realização de exercícios auditivos que se encontram no Caderno de Atividades.
Sumário	<p><i>Apresentação dos andamentos: Adagio, Moderato e Presto.</i></p> <p><i>Apresentação do compasso binário.</i></p> <p><i>Execução de ostinatos rítmicos.</i></p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 30) • 20 AULA DIGITAL <p>Áudio © CD2 Faixas 2 - 6</p>
Observações	<p>Nesta aula pretendi seguir a proposta de Jaques-Dalcroze (1865 – 1950), usar o corpo como objeto de expressão de uma representação dos elementos da música. Na minha opinião, foi uma aula bem conseguida porque os alunos tinham liberdade de movimento para exprimirem o que estavam a ouvir e conseguiram manter alguma ordem nos movimentos. Houve alguns momentos de improvisação muito engraçados.</p>

o *crescendo* \llcorner e o *diminuendo* \lrcorner .

DINÂMICA		
Intensidades	Símbolos	Definições
<i>Piano</i>	<i>p</i>	som fraco
<i>Mezzo forte</i>	<i>mf</i>	som de intensidade intermédia
<i>Forte</i>	<i>f</i>	som forte
<i>Crescendo</i>	\llcorner	aumento gradual da intensidade
<i>Diminuendo</i>	\lrcorner	diminuição gradual da intensidade

Fig. 4 – Fonte: Retirado do Manual 100% Música 5º ano

Plano 4

Turma 5º_B__

Duração: 100 minutos

Conceito / Tema: Altura	
Atividade: «Solitário»	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> Nota Sol
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Identificar a nota Sol na pauta. Identificar a nota Sol na flauta de bisel. Executar a nota Sol na flauta de bisel. Executar a música «Solitário».

Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Lembrar a posição da nota Sol na pauta e na flauta. • Relacionar a nota Sol com as notas anteriormente estudadas – Dó e Lá. • Explicar a posição das notas Dó – Lá e Sol de modo a que entendam o conceito de Altura. Usar as mãos para exemplificar os três níveis. • Início do estudo da música «Solitário» por partes e apenas com a entoação das notas. • Início do estudo da música «Solitário» por partes com a flauta e sem guia.
Sumário	<i>Interpretação do instrumental «Solitário».</i>
Observações	Foi uma aula muito bem conseguida.

Atividade: «Solitário» Continuação da aula anterior


Conteúdos / Assuntos	<ul style="list-style-type: none"> • Nota Sol
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Executar a nota Sol na flauta. • Identificar a nota Sol na pauta.
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Continuação do estudo do instrumental «Solitário» por partes. • Juntar as partes mas já acompanhadas com guia. • Execução integral da peça com repetições sempre que necessário de modo a que toda a turma consiga interpretar a peça.
Sumário	<i>Consolidação do estudo do instrumental «Solitário».</i>

Plano 5

Turma **_5º__B__**

Duração: 100 minutos

Conceito / Tema: Altura	
Atividade: «Mikado»	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Nota Mi
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a nota Mi na pauta. • Identificar a nota Mi na flauta. • Executar a nota Mi na flauta. • Executar a música “MiKado.”
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Execução integral do instrumental «Solitário». • Recordar as notas já estudadas – Dó, Lá e Sol na flauta e na pauta. • Apresentação da nota Mi na pauta e na flauta. • Exercícios melódicos na flauta com as notas: dó – lá; sol – sol – mi; dó – dó – lá – mi; sol – mi – sol – sol – mi. • Estudo das partes A e B sem guia. • Estudo das partes A e B com guia. • Execução integral do instrumental “Mikado.” • Estudo da parte A, primeiro sem guia e de seguida com guia. • Estudo da parte B, primeiro sem guia e depois com guia. • Execução integral da peça.
Sumário	<p><i>Consolidação do estudo do instrumental «Solitário».</i></p> <p><i>Início do estudo da música «Mikado»</i></p>

Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 32) • 20 AULA DIGITAL <p>Áudio  CD2 Faixas 9 - 10</p> <p>Karaoke 8</p> <p>Quadro pautado onde foi escrita a música da parte instrumental a ser tocada pelos alunos.</p> <p>Jogo “Mikado” – várias caixas para os alunos conhecerem, ou recordarem o jogo.</p>
Observações	<p>A aula correu como o previsto e todos os alunos conseguiram tocar o instrumental. A turma esteve calma e muito recetiva.</p>

Mikado

FORMA:

INTRODUÇÃO 4

A

INTER 2

B

INTER 2

A

INTER 2

B

The image shows a musical score for the piece "Mikado" in 4/4 time. It consists of two systems of staves. The first system, labeled 'A', contains two staves of music. The second system, labeled 'B', also contains two staves. The second staff of system B includes first and second endings, with the second ending marked "fine D.C. al fine".

Fig. 6 – Fonte: Arranjo retirado do Manual 100% Música 5º ano

Plano 6

Turma 5º __B__

Duração: 100 minutos

Atividade: "Playback"	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none">• Timbre vocal
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Interpretar vocalmente uma música.• Realizar prática vocal conjunta.
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Realização de exercícios de técnica vocal.• Indicações para cantar em coro.• Audição da música "Em playback" https://www.youtube.com/watch?v=eTzYJ6m5zNE• Visualização e audição de outros temas do músico Carlos Paião. "Cinderela, Pó de arroz." Cinderela - YouTube https://www.youtube.com/watch?v=h3OjR2CwbE Carlos Paião - pó de Arroz - YouTube https://www.youtube.com/watch?v=tvCTD-RSI5E• Leitura da biografia do músico Carlos Paião, contextualização histórica e musical. Exemplos e características da música ligeira portuguesa do século XX.• Aprendizagem por partes da canção "Playback."• Interpretação integral da canção.• Aprendizagem por partes da canção "Cinderela"• Interpretação integral da canção.
Sumário	<p><i>Prática vocal.</i></p> <p><i>Canções "Playback e Cinderela."</i></p>

Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Teclado • Quadro pautado onde foi escrita a música da parte instrumental a ser tocada na flauta.
Observações	Foi uma aula muito produtiva. A intenção era trabalharmos apenas o tema “Playback e Cinderela”, mas a vontade de cantar foi tanta que acabamos por cantar também o “Pó de arroz”. Esta turma gosta muito das aulas de prática vocal.

Play-Back - Carlos Paião

Podes não saber cantar

Nem sequer assobiar

Com certeza que não vais desafinar

Em play-back, em play-back, em play-back

Só precisas de acertar

Não tem nada que enganar

E assim mesmo, sem cantar vais encantar

Em play-back, em play-back, em play-back

Põe o microfone à frente

Muito disfarçadamente

Vai sorrindo, que é pra gente

Lá presente

Não notar!

Em play-back tu és alguém

Mesmo afónico cantas bem

Em play-back

A fazer play-back

E viva o play-back

Hás-de sempre cantar

Em play-back, respirar pra quê?

Quem não sabe também não vê

Em play-back
A fazer play-back
E viva o play-back
Dá pra toda uma soirée

Podes não saber cantar
Nem sequer assobiar
Com certeza que não vais desafinar
Em play-back, em play back, em play-back

Só precisas de acertar
Não tem nada que enganar
E assim...

“Cinderela” - Carlos Paião

Eles são duas crianças a viver esperanças, a saber sorrir.
Ela tem cabelos louros, ele tem tesouros para repartir.
Numa outra brincadeira passam mesmo à beira, sempre sem falar.
Uns olhares envergonhados e são namorados sem ninguém pensar.

Foram juntos outro dia, como por magia, no autocarro, em pé.
Ele lá lhe disse, a medo: "O meu nome é Pedro e o teu qual é?"
Ela corou um pouquinho e respondeu baixinho: "Sou a Cinderela".
Quando a noite o envolveu ele adormeceu e sonhou com ela...

Então,
Bate, bate coração!
Louco, louco de ilusão!
A idade assim não tem valor.
Crescer,
Vai dar tempo p'ra aprender,

Vai dar jeito p'ra viver
O teu primeiro amor.

Cinderela das histórias, a avivar memórias, a deixar mistério.
Já o fez andar na lua, no meio da rua e a chover a sério.
Ela, quando lá o viu, encharcado e frio, quase o abraçou.
Com a cara assim molhada, ninguém deu por nada, ele até chorou...

Então,
Bate, bate coração!
Louco, louco de ilusão!
A idade assim não tem valor.
Crescer,
Vai dar tempo p'ra aprender,
Vai dar jeito p'ra viver
O teu primeiro amor.

E agora, nos recreios, dão os seus passeios, fazem muitos planos.
E dividem a merenda, tal como uma prenda que se dá nos anos.
E, num desses bons momentos, houve sentimentos a falar por si.
Ele pegou na mão dela: "Sabes Cinderela, eu gosto de ti..."

Então,
Bate, bate coração!
Louco, louco de ilusão!
A idade assim não tem valor.
Crescer,
Vai dar tempo p'ra aprender,
Vai dar jeito p'ra viver
O teu primeiro amor.

Cinderela

Então,

Bate, bate coração!

Louco, louco de ilusão!

A idade assim não tem valor.

Crescer,

Vai dar tempo p'ra aprender,

Vai dar jeito p'ra viver

O teu primeiro amor.

Aprende e interpreta a canção «Pó de arroz».

Pó de arroz



The musical score is written in 2/4 time with a key signature of two flats (Bb and Eb). It consists of six systems of music with lyrics underneath. The lyrics are in Portuguese and describe Cinderella's experience with rice powder. The score includes a first ending (1. D.C.) and a second ending (2.) leading to a key change to three sharps (F#, C#, G#).

Pó de ar-roz na fa-ce das pe-que - nas se - rá be - le - za a - pe - nas só u - ma cor - zi - nha com
tens ho - je só p'ra mim pós de per - lim - pim pim e és um ar - roz do - ce sim

Pó de ar - roz ro - sa é mu - lher o pós e o ho - mem vai nas ce - nas E - va e A - dão ou - tra -
Po - dê ser um can - to de se - rei - a se - rei a tu - a tei - a e tú se - rás meu al -

vez É co - mo en - fei - tar um em - bru - lho ar - roz com gor - gu - lho tal - vez
goz Mas quan - dô te vais a - lin - dar a - lin - da - da vens dar - me o ar - roz

Pó de ar - roz do teu ar - ro - zal es - se pó que é fa - tal és a tal que me en - can - ta com
não faz ne - nhum mal é de ar - roz in - te - gral in - fer - nal quan - dô che - gas com

to - do o teu ar - roz to - do o teu ar - roz 1. D.C. 2. Pó - de ar

roz de ar - roz do teu ar - ro - zal es - se pó que é fa - tal és a tal que me en - can - ta com Pó de ar - roz
Pó de ar - roz não faz ne - nhum mal é de ar - roz in - te - gral in - fer - nal quan - dô che - gas com

Fig. 7 – Fonte: Retirado do Manual 100% Música 5º ano

Plano 7

Turma 5º B

Duração: 100 minutos

Conceito / Tema: Forma	
Atividade: «Tempo é dinheiro»	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none">• Forma binária
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Identificar a forma binária.• Executar a música «Tempo é dinheiro».
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Audição e visualização do vídeo “Agir – Mix 04 – Tempo é dinheiro.” 04. Agir - Tempo É Dinheiro (Official Videoclip) - YouTube https://www.youtube.com/watch?v=9s_opqmOiY4• Audição e visualização de um vídeo de Paulo de Carvalho “Os meninos do Huambo.” Paulo de Carvalho - Os meninos de Huambo - YouTube https://www.youtube.com/watch?v=Mij6ULLzUP• Apresentação da forma binária.• Leitura da biografia do cantor Agir.• Início do estudo da peça por partes, primeiro a vocal sem guia.• Início do estudo da parte instrumental sem guia. Estudo da parte A por frases melódicas sem guia.• Estudo da parte B sem guia.• Interpretação das partes A e B com guia• Execução integral da peça para consolidação da mesma.
Sumário	<p><i>Forma binária</i></p> <p><i>Estudo da peça “Tempo é dinheiro.”</i></p>

Recursos	• Manual (p. 36)
	• 20 AULA DIGITAL
	Flauta
	Teclado
	Karaoke 14

Tempo é dinheiro

FORMA: A B A B A B

CD2 · 15-16

A

Se tem-po é di-nhei-ro eu vou gas - tá-lo con-ti - go a - té por-que o tem-po é tu-do o que te-nho p'ra te dar eu a-cho

que o mun-do in-tei-ro con - cor-da co-mi-go eu não quero de-sa-pon-tar oh_ no_ Se oh_ no_

B

D.S.
Se

Fig. 8 – Fonte: Retirado do Manual 100% Música 5º ano

Plano 8

Turma 5º_B

Duração: 50 minutos

Conceito / Tema: Timbre	
Atividade: Loto Sonoro 3	
Conteúdos / Assuntos	<ul style="list-style-type: none">• Timbre instrumental
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Identificar e distinguir sons de instrumentos de percussão,• Fazer corresponder uma imagem ao seu som.
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none">• P.39 – No jogo «Loto Sonoro», os alunos devem escolher uma das oito posições do cartão, colocando-o sobre o tabuleiro de jogo (página do manual), sem o alterar até ao final. Ao escutar e identificar os diversos sons das sequências áudio, os alunos fecham as janelas correspondentes. O jogo termina quando o primeiro aluno fechar todas as janelas do cartão, dizendo «Loto».• Realização, na Aula Digital, do Loto Sonoro 3.
Sumário	<i>Loto Sonoro</i>
Recursos	<ul style="list-style-type: none">• Manual (p. 29)• 20 AULA DIGITAL• Fotocópias da página do 29 do manual, para os alunos que não têm.• Cartões com as janelas, para a realização do Loto Sonoro para os alunos que não têm.
Avaliação	Avaliação dos parâmetros comportamentais.
Observações	Esta aula resultou muito bem e a pedido dos alunos, repetimos mais duas vezes, mas mudando a posição do cartão com as janelas. Os alunos do 5º ano gostam muito deste tipo de atividade.

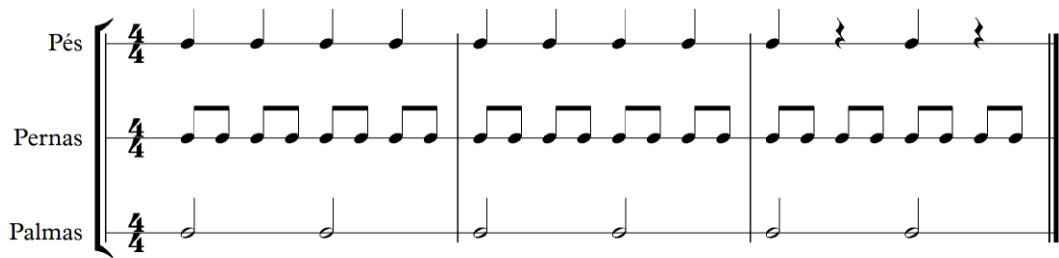


Fig. 9 – Fonte: Retirado do Manual 100% Música 5º ano

Plano 9

Turma 5º __B__

Duração: 50 minutos

Conceito / Tema: Ritmo	
Atividade: “É melhor não duvidar”	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Mínima • Pausa de mínima
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a mínima e a pausa de mínima. • Executar a mínima e a pausa de mínima. • Interpretar ritmicamente a música “É melhor não duvidar.”
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • A aula iniciou com os alunos a movimentarem-se no fundo da sala ao ritmo das minhas palmas. • De seguida formar três filas para a execução de ritmos corporais. • Os exercícios são rotativos, para que cada grupo realize todos os ritmos • Execução de exercícios rítmicos. Ex:  <p style="text-align: center;">Realização da dança sugerida pela minha colega de estágio com a canção «É melhor não duvidar».</p>
Sumário	<p><i>Movimento e ritmo.</i></p> <p><i>Mínima e pausa de mínima.</i></p>

Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 29) • 20 AULA DIGITAL <p>Áudio © CD1 Faixas 35-36</p> <p>Movimentos corporais</p>
Observações	<p>Foi muito gratificante ver como os alunos colaboraram para que a aula corresse como tinha planeado. A dança foi muito bem conseguida porque envolvia muito movimento de ancas, cintura, pernas, tronco e voz. Esta dança foi criada pela minha colega de estágio e eu pedi permissão para aplicar na minha aula.</p> <p>A aula foi toda dedicada ao ritmo e movimento. Mais uma vez recorri ao método Dalcroze – “Educação musical para o corpo e a mente».</p>

Plano 10

Turma 5º __B__

Duração: 50 minutos

Conceito / Tema: Ritmo	
Atividade: “É melhor não duvidar”	
Conteúdos / Assuntos	<ul style="list-style-type: none"> • Mínima • Pausa de mínima
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a mínima e a pausa de mínima. • Executar a mínima e a pausa de mínima. • Executar a música «É melhor não duvidar».
Sumário	<i>Execução do instrumental «É melhor não duvidar», na flauta de bisel.</i>

Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 29) • Karaoke – 11 • Flauta de bisel • Quadro pautado • Caderno
Observações	<p>Foi uma aula bem conseguida porque consegui realizar toda a planificação feita. Os alunos mostraram-se muito recetivos.</p>

É melhor não duvidar FORMA: INTRODUÇÃO B A B A


The image shows a musical score for the song "É melhor não duvidar". It consists of two systems of music, labeled A and B. System A is in 4/4 time and features a melody with lyrics: "É melhor não duvidar". It includes a first ending (1.) and a second ending (2.) that concludes with "Fine". System B is in 4/4 time and features a melody with lyrics: "É melhor não duvidar". It concludes with "D.C. al fine". The score is written on a yellow background with a red 'A' and a yellow 'B' in the top left corner of each system.

Fig. 10 – Fonte: Arranjo retirado do Manual 100% Música 5º ano

Plano 11

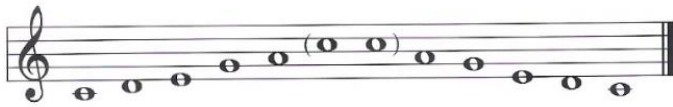
Turma 5º_B__

Duração: 50 minutos

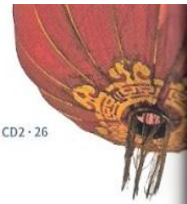
Conceito / Tema: Altura	
Atividade: «Chinatown»	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none">• Escala pentatónica• Improvisação
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Identificar as notas da escala pentatónica.• Executar a escala pentatónica na flauta.• Improvisar na escala pentatónica.• Executar a música «Chinatown» na escala pentatónica.
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação da escala pentatónica na pauta. • Execução da escala pentatónica com gestos manuais de Kodály. Eu faço o gesto correspondente a cada nota da escala e os alunos reproduzem na flauta de bisel.• Estudo do instrumental «Chinatown», parte A, por pequenas linhas melódicas.• Execução na flauta de bisel de toda a parte A com voz guia.• Improvisação da parte B com instrumentos orff. Metade da turma vai tocar jogos de sinos e xilofones, enquanto a outra metade continua a tocar na flauta de bisel. Depois trocam para que todos possam ter a oportunidade de improvisar.• Execução integral do instrumental «Chinatown».
Sumário	<p><i>Escala pentatónica.</i></p> <p><i>Improvisação.</i></p>

Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 44) • 20 AULA DIGITAL <p>Áudio © CD2 Faixas 27 - 28</p> <p>Karaoke 20</p> <p>Quadro pautado</p> <p>Flauta de bisel</p>
Avaliação	<p>Observação direta da prática instrumental.</p> <p>Avaliação dos parâmetros comportamentais.</p>
Observações	<p>A parte instrumental não foi muito bem conseguida porque esta turma é muito agitada e com alunos que têm muita dificuldade em ouvir. Como os alunos não quiseram colaborar, foram recolhidos os instrumentos orff. Ordenei aos alunos que tirassem os cadernos das mochilas e foram recordar as regras em sala de aula. As regras anteriormente escritas com a ajuda dos alunos, foram projetadas na tela e os alunos copiaram. Houve silêncio enquanto passavam e apenas um aluno se recusou a passa-las, tendo ficado comigo na sala durante o intervalo. Depois de ter negociado com ele, acabou por passar uma parte. Este aluno para trabalhar precisa de ser muito estimulado. O professor cooperante achou que tinha sido a atitude mais correta naquela situação.</p>

Escala Pentatônica de Dó



CD2 - 26



Executa a melodia das partes **A** e **B** na flauta. No início da parte B, improvisa durante 8 compassos utilizando as notas da escala pentatônica tocadas em instrumentos de percussão de altura definida e na flauta.

Chinatown

FORMA:

INTRODUÇÃO 4 A B INTER 2 A B



CD2 - 27-28

A

B

IMPROVISACÃO

Fine D.C. al fine

2

The image shows the musical score for 'Chinatown'. Part A is a 4-measure melody in 4/4 time. Part B is an 8-measure improvisation section, indicated by a blue stamp that says 'IMPROVISACÃO'. The score ends with a double bar line, a repeat sign, and a fermata, followed by the instruction 'Fine D.C. al fine' and a final 2-measure ending.

Fig. 11 – Fonte: Arranjo retirado do Manual 100% Música 5º ano

Ficha de trabalho – Educação Musical
Unidade 2

Data: ___/___/___

Nome: _____ Ano: _____ Turma: _____ Número _____

Escola: _____ Professor: _____ Classificação: _____

1. Faz um círculo nas opções que completam corretamente o texto:

Esta figura  é a **colcheia / semínima / mínima / semibreve** e tem a duração de **0,5 / 1 / 2 / 4** pulsação/pulsações.

2. Estabelece a correspondência entre as duas colunas, colocando o número no quadrado correspondente.

1 *Crescendo*

Diminuição gradual da intensidade do som.

2 *Ostinato*

Padrão que se repete.

3 *Diminuendo*

Aumento gradual da intensidade do som.

3. Faz um círculo nas opções que completam corretamente o texto.

Um andamento moderado designa-se **adagio / moderato / presto**.

Um andamento lento designa-se **adagio / moderato / presto**.

Um andamento rápido designa-se **adagio / moderato / presto**.

4. Estabelece a correspondência certa entre as duas colunas, colocando o número no quadrado correspondente.

1 Forte

mf

2 Crescendo

f

3 Piano

\vee

4 Diminuendo

p

5 Mezzo forte

\wedge

5. Faz a legenda das notas na flauta.



Nota: _____



Nota: _____

6. Estabelece a correspondência entre as duas colunas, colocando o número no quadrado correspondente.

1 Lá



2 Dó (agudo)



3 Sol



4 Mi



Fig. 12 – Fonte: Retirado do Manual 100% Música 5º ano

Anexo 3
(Planificação de aulas lecionadas ao 6º A)

Planificações do 6º Ano

Plano 1

Turma 6º A

Duração: 150 minutos

Conceito / Tema: Ritmo	
Atividade: «Another brick in the Wall»	
Conteúdos / Assuntos	<ul style="list-style-type: none">• Síncopa
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Identificar a síncopa na pauta.• Identificar auditivamente a síncopa.• Executar a síncopa.• Executar a peça musical «Another brick in the Wall»
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Visualização de alguns vídeos da banda rock “Pink Floyd.” Pink Floyd - Another Brick In The Wall (HQ) - YouTube https://www.youtube.com/watch?v=YR5ApYxkU-U• Audição do instrumental “Another brick in the Wall.”• Contextualização histórica e musical dos “Pink Floyd e o tema Another brick in the Wall.”• Leitura rítmica da peça por partes.• Apresentação e explicação da síncopa.• Execução de exercícios rítmicos com síncopa. Ex:• Leitura rítmica e melódica por partes da peça «Another brick in the wall»• Execução na flauta por partes da peça «Another brick in the Wall».• Execução integral na flauta da peça com versão guia.
Sumário	<p><i>Estudo do elemento rítmico “síncopa.”</i></p> <p><i>Execução do instrumental «Another brick in the Wall»</i></p>

Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 29) • 20 AULA DIGITAL Áudio © CD1 Faixas 12 e 13
Observações	<p>Sendo a primeira aula a ser dada sozinha, estava um pouco nervosa de início mas, conforme a aula foi decorrendo fui-me sentindo mais segura. Esta aula teve a duração de três tempos letivos e teve uma grande receptividade por parte dos alunos. Foi muito gratificante ver o entusiasmo demonstrado pelos alunos.</p>

Execução

Apresentamos-te um novo elemento rítmico: a **síncopa**.

Forte fraco Forte fraco

Executa a música na flauta.

ANOTHER BRICK IN THE WALL

Forma: **INTRODUÇÃO 4** CD2 - 12 e 13 P. A 13
K - 12

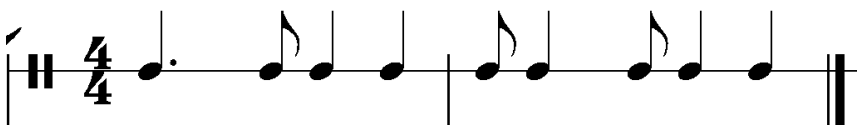
CA Pág. 14 - C

Fig. 13 – Fonte: Arranjo retirado do Manual 100% Música 6º ano

Plano 2

Turma 6º__A__

Duração: 50 minutos

Conceito / Tema: Ritmo	
Atividade: «Perdóname»	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> Ritmos pontuados. Peça musical «Perdóname»
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Identificar um ritmo pontuado. Executar ritmos pontuados com semínimas com ponto. Executar a peça musical «Perdóname».
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> Audição da peça «Perdóname». <p>Pablo Alborán - Perdóname (con Carminho) - YouTube https://www.youtube.com/watch?v=8EFMojiDY2k</p> <ul style="list-style-type: none"> Apresentação e explicação de um ritmo pontuado. Execução de ritmos pontuados.  <ul style="list-style-type: none"> Registrar no caderno exemplos de ritmos pontuados. Execução da parte A da peça com palmas, pés e pernas. Leitura da biografia dos músicos Pablo Alborán e Carminho. Leitura rítmica da peça. Estudo da peça por partes na flauta de bisel. Execução integral da peça com flauta e timbres corporais. Início do estudo da “Marcha dos marinheiros.”
Sumário	<p><i>Início do estudo de ritmos pontuados.</i></p> <p><i>Apresentação do ponto de aumento.</i></p>

Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 29) • 20 AULA DIGITAL • Karaoke 13 • Quadro pautado • Pablo Alborán - Perdóname (con Carminho) - YouTube • https://www.youtube.com/watch?v=8EFMojjDY2k
Observações	<p>Esta planificação foi feita para três tempos letivos de 50 minutos cada. Alguns alunos estavam a participar num torneio de andebol e a turma apresentou-se um pouco desfalcada. Como é uma peça muito querida pelos alunos, fiz os possíveis para que todos tivessem a oportunidade de a tocar e foi muito bom ver a alegria deles ao aperceberem-se do resultado. Foi muito bem conseguida esta aula de ritmos pontuados.</p>

Perdóname Forma: **INTRODUÇÃO 2 A A B B A** CD2 - 14 e 15 P. 14 K-13

1
4
4
A
5
3x *D.S. al fine*
11
B
16
fine 2 D.C.

Fig. 14 – Fonte: Arranjo retirado do Manual 100% Música 6º ano

Plano 3

Turma 6º A

Duração: 150 minutos

Conceito / Tema: Altura	
Atividade: «All star»	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none">• Ré agudo
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Identificar o Ré agudo na pauta e na flauta.• Executar o Ré agudo na flauta.• Executar ostinatos rítmicos com timbres corporais.• Executar a peça «All star».
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação do Ré agudo na pauta e na flauta.• Noção de altura – Ré grave e Ré agudo. Execução de alguns exercícios.• Visualização de um vídeo do tema «All star» - Smash Mouth.• Início do estudo por partes do instrumental «All star» - ostinatos rítmicos com timbres corporais – Introdução - Break 1 – parte A.• Estudo do instrumental «Marching Recorders» na flauta de bisel. exercícios na flauta Ex: ré (ag) – ré (gr) – si – lá –sol; ré (ag) – si – lá – sol – si – dó (ag) – dó (gr) – ré (ag).• Visualização de um vídeo com o tema «All star».• Início do estudo do instrumental “Marching Recorders”, com a audição de uma interpretação da Banda da Armada.• Estudo dos dois primeiros compassos na flauta bisel.• Audição da «Marcha dos marinheiros».

Plano 4

Turma _6º_A__

Duração: 50 minutos

Conceito / Tema: Altura	
Atividade: «All star»	
Conteúdos / Assuntos	<ul style="list-style-type: none">• Ré agudo
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Executar o Ré agudo na flauta.• Executar ostinatos rítmicos com timbres corporais.• Executar a peça «All star».
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Visualização de um vídeo do tema «All star» - Smash Mouth. Smash Mouth - All Star - YouTube https://www.youtube.com/watch?v=L_jWHfflx5E <p>Estudo da parte A do instrumental «All star», na flauta de bisel.</p> <ul style="list-style-type: none">• Estudo do instrumental por partes «Marching Recorders» na flauta de bisel.
Sumário	<p>Continuação do estudo do instrumental «All star».</p> <p>Estudo do instrumental «Marching Recorders».</p> <p>Interpretação vocal da «Marcha dos marinheiros».</p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none">• Manual (p. 29)• 20 AULA DIGITAL• Quadro pautado• Flauta de bisel• Karaoke 14• Partituras dos instrumentais cedidos pela Banda da Armada Portuguesa a serem tocados no concerto• Letra da «Marcha dos marinheiros»
Avaliação	Observação direta da prática instrumental.

Observações	Estes planos são de 50 minutos mas, 15 minutos foram sempre reservados para a preparação do repertório para a ida ao Museu de Marinha no dia 9 de março, daí a prolongarem-se por mais de três tempos letivos.
-------------	--

All star Forma: **INTRODUÇÃO** **Br1** **A** **Br1** **A** **Br2** **B** **A** **Br3** CD2 - 19 e 20 P. CA 15 K-14

The musical score is organized into several sections, each with a color-coded header and a corresponding musical staff:

- Intro:** 4/4 time signature, 7x repetition. Includes a guitar diagram showing a specific chord.
- Br 1:** 7x repetition. Includes a guitar diagram.
- A:** 7x repetition. Includes a guitar diagram.
- Br 1:** 4x repetition. Includes a guitar diagram.
- A:** 4x repetition. Includes a guitar diagram.
- Br 2:** 4x repetition. Includes a guitar diagram.
- B:** 8 measures, featuring a treble clef and a guitar diagram. Includes first and second endings. Lyrics: "to to to to to to".
- A:** 2x repetition. Includes a guitar diagram.
- Br 3:** Includes a guitar diagram and lyrics: "CHO CO LA TÊ tu".

CA Pág. 15 - F

Fig. 15 – Fonte: Arranjo retirado do Manual 100% Música 6º ano

Conductor \curvearrowright

MARCHING RECORDERS

Harry Richards

Recorders $\text{♩} = 116$

5

Mão esquerda
sempre com
orifício tapado

do do do si la la sol sol sol la do la
si si si si la sol si si si si la sol la sol la sol do do
do si la la sol sol sol do si sol do la 39 la si do si do la sol sol sol

la do do si do

39

la si si do do do si si si

55

fa do do si la la sol sol sol la do la si si si si si si

si si la sol la sol la sol do do do si la la sol sol sol do sol do

la la si do si do do sol sol sol la do do si do

Fig. 15 – Fonte: Partitura cedida pela Banda da Armada Portuguesa

Marcha dos Marinheiros

(Introdução)

Refrão:

Os marinheiros aventureiros
São sempre os primeiros
Na terra ou no mar.
Ao ver as belas
Pelas janelas,
Soltam logo as velas
Para as conquistar.

A navegar,
Sobre as ondas, desde Goa,
Nós viemos a pensar
Nas meninas de Lisboa.
Desembarcados,
Mesmo assim, os marinheiros
Vão ficar ancorados
A uns olhos traiçoeiros.

(Instrumental)
Salgadas pelo Mar
As nossas bocas vêm,
Vêm procurar o mel que os beijos têm,
Que é tão bom para as adoçar.


Largamos vela na ribeira de Pangim,
A pensar numa janela enfeitada de alecrim.
Entrando a Barra,
Mal a nau chega a Belém,
O marujo deita amarra
À mulher que lhe convém.
Refrão...

Fig. 16 – Fonte: Letra cedida pela Banda da Armada Portuguesa

Plano 5

_Turma _6º_A_

Duração: 50 minutos

Conceito / Tema: Dinâmica, Forma, Ritmo e Altura	
Atividade: «Marching Recorders, Prodígio e Marcha dos Marinheiros»	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Executar os instrumentais: « Marching Recorders e Prodígio» • Interpretar a: «Marcha dos marinheiros».
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • «Marching Recorders», estudo da primeira parte com três repetições na flauta de bisel. • Estudo da segunda parte com várias repetições na flauta de bisel. • «Prodígio», estudo da primeira parte na flauta de bisel. • «Marcha dos marinheiros», interpretação da marcha com ajuda áudio.
Sumário	<p><i>Estudo dos instrumentais «Marching Recorders e Prodígio».</i></p> <p><i>Interpretação vocal da «Marcha dos marinheiros».</i></p>
Recursos	<p>Áudio </p> <p>Flauta de bisel</p> <p>Teclado</p> <p>Folhas com as músicas dos três temas a apresentar</p>
Avaliação	<p>Observação direta e individual da prática instrumental para detetar as maiores dificuldades dos alunos.</p>
Observações	<p>Reservei esta aula para avaliar individualmente os alunos com os dois instrumentais a serem tocados no Museu de Marinha. Seguiram-se mais quatro aulas para consolidar o repertório. Foi uma espécie de balanço, para ver como os alunos estão para o concerto de dia 9 de março. Apesar de estar no bom caminho, as próximas aulas serão totalmente dedicadas ao repertório do concerto.</p>

19. Prodígio

Jorge Salgueiro, opus 144
Banda da Armada Portuguesa
Setembro de 2006

$\text{♩} = 70$
com flautas de bisel

Crianças
(flautas de bisel e canto)

*Sempre com orifício
de mudança
de registro*

mf *de ré mi - fé de ré mi - de ré*

4 *mi sol de ré mi de ré la do si sol de ré*

8 *la do si sol fa mi ré fa la do si sol la mi*

12 *re fa la do re* 11 *mf VAI AO*

26

MAR VÉ CO - MO_E - LE_É RES - PI - RAR SEN - TE_A MA - RÉ DÉI - XA_O

30

VEN - TO_A - GI - TAR DÉI - XA_O SOL TE_A - BRA - ÇAR A - MA_AS

34

ON - DAS DO PRO - DÍ - GIO OU - VE_AO LON - GE_A SU - A VOZ

38

11

f VAI AO MAR VÊ CO - MO_E - LE_É RES - PI -

52

RAR SEN - TE_A MA - RÉ DEI - XA_O VEN - TO_A - GI - TAR DEI - XA_O

56

SOL TE_A - BRA - ÇAR A - MAS_AS ON - DAS DO PRO - DÍ - GIO OU - VE_AO

60

LON - GE_A SU - A VOZ



attacca

Fig. 17 – Fonte: Partitura cedida pela Banda da Armada Portuguesa

Plano 6

Turma 6º __A__

Duração: 50 minutos

Conceito / Tema: Altura	
Atividade: «My heart will go on»	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Escala diatónica de Fá M. • Acidentes: ocorrentes, fixos e de precaução na pauta. • Bemol • Si bemol
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a escala diatónica de Fá M na pauta. • Representar e entoar a escala de Fá M. • Executar o Sib na flauta.
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e compreender o efeito do bemol ao ser colocado numa nota com exemplos. • Colocar os graus por baixo das notas para que sejam mais facilmente identificados os tons e meios-tons. Esta atividade será feita com a ajuda dos alunos, vindo ao quadro escrevê-las.  <ul style="list-style-type: none"> • Projetar um piano virtual e mostrar onde ficam os tons e meios-tons. • Virtual Piano The Original Best Piano App Online : https://virtualpiano.net/ • Comparar com a escala de Dó M. Escrever as duas escalas na pauta para descobrirem as semelhanças.  <ul style="list-style-type: none"> • Executar o Sib na flauta de bisel. • Execução do instrumental «Marching Recorders», na flauta de bisel.

Sumário	<p><i>Estudo da escala de Fá M. Acidente bemol.</i></p> <p><i>Nota Sib na pauta e na flauta de bisel.</i></p> <p><i>Execução do instrumental «Marching Recorders».</i></p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 32 - 33) • Teclado • Flauta de bisel • Quadro pautado • Cadernos
Observações	<p>O professor cooperante achou muito interessante a forma como abordei os acidentes na música, assim como os tons e meios -tons nas escalas maiores. Penso que os alunos também entenderam o que era pretendido. Foi uma aula muito bem conseguida porque eles iam escrevendo e construindo as duas escalas ao mesmo tempo para que entendessem de uma forma agradável as escalas maiores.</p>

Plano 7

Turma 6º A

Duração: 50 minutos

Atividade: «My heart will go on»	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Executar na flauta de bisel a peça «My heart will go on».
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Audição da peça «My heart will go on».• Estudo da parte A1 sem guia.• Estudo da parte B sem guia.• Execução na flauta de um blue proposto pelo professor cooperante.• Interpretação da «Marcha dos marinheiros».
Sumário	<p><i>Início do estudo do instrumental «My heart will go on».</i></p> <p><i>Interpretação vocal da canção «Marcha dos marinheiros».</i></p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none">• Manual (p. 33)• 20 AULA DIGITAL• Áudio CD2 Faixas 21 e 22• Karaoke 15• Flauta de bisel• Órgão• Quadro pautado <p>Link: Celine Dion - My Heart Will Go On (legendado) - YouTube</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=y9Noh_rv4U</p>

Observações	<p>Este instrumental serviu como elemento de avaliação para o 2º Período. O instrumental foi tocado em grupos de dois alunos. A parte A1 foi tocada por um aluno, depois a parte B por outro e finalmente a parte A2 foi tocada a duas vezes. Foi fácil todos tocarem porque os alunos adoram tocar esta peça. A avaliação correu como o previsto e apenas um aluno se recusou a tocar porque tinha levado uma participação numa das aulas e a disposição não era a melhor. Mesmo conversando com ele e dando-lhe a oportunidade de tocar no dia seguinte quando já estivesse mais calmo o aluno não se mostrou interessado e não compareceu a avaliação.</p>
--------------------	---

My heart will go on Forma: **INTRODUÇÃO 8** **A1** **B** **A2** **B** **CODA** CD2 - 21 e 22

The musical score is divided into four sections:

- A1:** Measures 1 to 8. It begins with a treble clef, a key signature of one flat (Bb), and a 4/4 time signature. The melody consists of eighth and quarter notes.
- B:** Measures 9 to 14. It starts with a treble clef, a key signature of one flat, and a common time signature (C). It features a repeat sign and a first ending bracket.
- A2:** Measures 15 to 22. It begins with a treble clef, a key signature of one flat, and a 4/4 time signature. It includes first and second endings, a double bar line, and a '3' indicating a triplet.
- CODA:** Measures 23 to 26. It starts with a treble clef, a key signature of two sharps (F# and C#), and a common time signature. It includes a '4' indicating a quadruple rest, a double bar line, and a '4 x' indicating four repetitions of a final note.

Fig. 18 – Fonte: Arranjo retirado do manual 100% Música 6º ano

Plano 8

Turma 6º_A__

Duração: 150 minutos

Conceito / Tema: Forma	
Atividade: «Purple rain»	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none">• Escala diatónica de Fá Maior• Síncopa• Si bemol
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Identificar a forma binária.• Identificar a escala diatónica de Fá Maior.• Identificar e executar a síncopa.• Executar a peça musical «Purple rain»• Conhecer géneros musicais, músicos, seus contextos históricos e culturais.
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none">• pp. 36 e 37 – Leitura das notas biográficas e curiosidades sobre Prince.• Visualização de um vídeo sobre o músico.• Audição da peça «Purple rain».• Estudo da parte A na flauta sem a versão guia.• Estudo da parte B sem a versão guia.• Estudo da parte vocal sem a versão guia.• Execução integral da peça «Purple rain» com a versão instrumental.• Prática vocal com a visualização de um vídeo da Ana Moura «Dia de folga»
Sumário	<i>Interpretação da peça musical «Purple rain».</i>

Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (pp 36 e 37) • 20 AULA DIGITAL • Áudio CD2 Faixas 27 – 28) • Karaoke 17 • Teclado • Quadro pautado onde foram escritas as partes do instrumental A e C a serem tocadas pelos alunos na flauta de bisel. <p>Link: Prince Performs “Purple Rain” During Downpour Super Bowl XLI ... https://www.youtube.com/watch?v=7NN3gsSf-Ys</p> <p>Ana Moura - Dia De Folga - YouTube</p> <ul style="list-style-type: none"> • https://www.youtube.com/watch?v=KjN0BoDO_Sw
Avaliação	<p>Observação direta da prática instrumental.</p> <p>Avaliação instrumental (facultativa).</p> <p>Avaliação dos parâmetros comportamentais.</p>
Observações	<p>Esta planificação foi feita para três tempos letivos. A aprendizagem do instrumental correu como o previsto e os alunos responderam positivamente ao que foi pedido.</p>

Plano 9

Turma 6º A

Duração: 100 minutos

Conceito / Tema: Timbre	
Atividade: Idiofones no mundo... e em Portugal	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none">• Idiofones• Idiofones do mundo• Idiofones em Portugal
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Compreender a classificação dos instrumentos• Definir os idiofones• Identificar idiofones visualmente e auditivamente• Conhecer idiofones do mundo e de Portugal• Conhecer características dos idiofones portugueses e seu contexto cultural e regional.
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Recordar a classificação de instrumentos: aerofones; cordofones; idiofones e membranofones.• Pôr os alunos em contacto com alguns instrumentos do mundo e de Portugal ex: mbira; pau de chuva; brinquinho; citara; reco-reco e maracas.• Visualização de alguns vídeos sobre a construção de instrumentos como: temple blocks; berimbau de boca e cana rachada.• Visualização de um videoclipe do músico indiano Ravi Shankar a tocar citara.

Atividades / Estratégias	<p>Aula de berimbau de boca - YouTube https://www.youtube.com/watch?v=W75joMPUS0g</p> <p>Cana Rachada d'Azambuja - YouTube https://www.youtube.com/watch?v=jZlHHptuOK8</p> <p>Técnicas e Exercícios Básicos I (aula de cajón) - YouTube https://www.youtube.com/watch?v=uhcae4DG9r4</p> <p>Morre mestre da cítara Ravi Shankar - YouTube https://www.youtube.com/watch?v=JDOmtsIJ0co</p> <p>Ravi Shankar & Anoushka Shankar Live: Raag Khamaj (1997 ... https://www.youtube.com/watch?v=9xB_X9BOAOU</p>
Sumário	<p><i>Abordagem teórica do tema idiofones do mundo e em Portugal</i></p> <p><i>Visualização de alguns vídeos.</i></p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 29) • 20 AULA DIGITAL • Pau de chuva • Maracas • Brinquinho • Cítara
Observações	<p>Para esta aula trouxe alguns idiofones que tinha em casa e que não há na escola para mostrar aos alunos. Eles mostraram-se muito interessados em saber como se tocavam e qual o processo de construção. Foi uma aula muito interessante porque os alunos fizeram muitas perguntas acerca dos vários instrumentos.</p>

Idiofones no mundo...

CD2 - 34 P

Cajón

Instrumento com origem no Perú e em Cuba, no qual o instrumentista se senta para percutir com as mãos.

Durante a colonização da América do Sul, os escravos vindos de África estavam proibidos de tocar tambores e começaram por isso a tocar em caixas de madeira. O cajón foi introduzido nos anos 70 no flamenco e é atualmente utilizado em diversos géneros musicais.



Mbira

Instrumento de origem africana também conhecido como sansa.

É constituído por uma caixa de ressonância, de madeira ou de outros materiais, sobre a qual assentam pequenas lâminas metálicas de diferentes tamanhos que vibram quando beliscadas pelos dedos (polegares e indicadores), produzindo sons de diferentes alturas.



Temple blocks

Instrumento com origem no Extremo Oriente, conhecido como «peixe de madeira». É composto por vários blocos de madeira de diferentes tamanhos, semelhantes a peixes com a boca aberta, que produzem sons de diferentes alturas.

É percutido com baquetas de plástico ou de madeira em forma de pera.



Berimbau de boca

Instrumento com origem no Sudoeste Asiático também conhecido como harpa de boca.

Possui uma armação metálica, por vezes em bambu, que é colocada na boca, presa aos dentes. A lâmina solta é beliscada com um dedo e a boca serve de caixa de ressonância, sendo possível modificar o som alterando a sua forma e mexendo a língua.



ABC da Música

Idiofones - Instrumentos nos quais o som é produzido pela vibração do próprio corpo.

Fig. 19 – Fonte: Retirado do manual 100% Música 6º ano

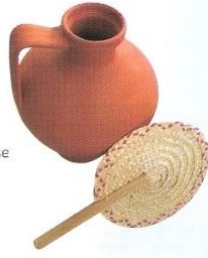
... e em Portugal

CD2 - 35 e 36 P

Bilha com abano

REGIÕES: ●●

É um instrumento utilizado na música tradicional portuguesa, em que se utilizam dois objetos domésticos para produzir o som. Uma bilha, geralmente feita em barro, e um abano, feito de palha. Para produzir o som grave, característico, bate-se com o abano no gargalo da bilha.



Cana rachada

REGIÕES: ●

Instrumento tradicional português feito com um pedaço de cana rachada até meio, sensivelmente. Segurando na cana com uma mão e batendo com a outra, produz-se um efeito rítmico que é muito utilizado para acompanhar o fandango ribatejano.

Triângulo ou ferrinhos

REGIÕES: ●●●●●●●●

Instrumento utilizado em vários estilos musicais, feito de metal, normalmente aço. Faz-se vibrar por meio de outra peça, o batedor, também em metal. A mão que segura o triângulo controla o timbre, abrindo ou fechando a mão.



Trancanholas

REGIÕES: ●●

Para este instrumento, ibérico, utilizam-se duas peças de madeira rija, às quais se dá um movimento de rotação com o pulso, de maneira a fazer bater repetidas vezes uma na outra, criando um efeito rítmico muito rápido. Também se podem utilizar outros materiais, tais como pedras.



Brinquinho

REGIÕES: ●

Instrumento originário da ilha da Madeira, composto por vários conjuntos de bonecos, em círculo. Presos a placas de madeira, alguns com castanholas nas costas e outros objetos, produzem som quando se fazem deslocar com uma mão as placas onde estão fixos para cima e para baixo, segurando o instrumento com a outra mão.



Realiza com o teu professor o exercício C da página 19 do teu Caderno de atividades.

Pág. 19 - B

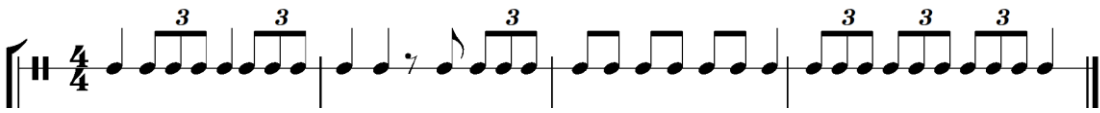
Amadeu Magalhães

Fig. 20 – Fonte: Retirado do manual 100% Música 6º ano

Plano 10

Turma 6º __A__

Duração: 100 minutos

Conceito / Tema: Ritmo	
Atividade: «Chariots of fire»	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a tercina na pauta. • Compreender a tercina. • Executar a tercina. • Executar a peça musical «Chariots of fire».
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Executar o instrumental «Chariots of fire».
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • p. 45 – Apresentação e explicação da tercina. • Exercícios rítmicos com tercinas. Ex:  <p>Audição e visualização de «Chariots of fire»</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura rítmica do instrumental por partes. • Estudo da parte A sem a versão guia. • Estudo da parte B sem a versão guia.
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo da Coda sem a versão guia. • Estudo da parte A com a versão guia. • Estudo da parte B com a versão guia. • Estudo da coda com a versão guia. • Estudo da parte vocal com a versão guia. • Execução integral da peça instrumenta sem a versão guia. • Execução integral da peça com a versão guia da peça

Sumário	<i>Estudo do instrumental «Chariots of fire».</i>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 29) • 20 AULA DIGITAL • Áudio CD3. 4 e 5 Faixas 35-36 • Karaoke 20 • Quadro pautado • Flauta de bisel <p>Link : Vangelis - Charriots of Fire - SAPO Vídeos videos.sapo.mz/cB9b6W6A4sJ9FjdlZD0u Vangelis - conquest of paradise - YouTube https://www.youtube.com/watch?v=WYeDsa4Tw0</p>
Avaliação	<p>Observação do domínio da compreensão e aquisição de conhecimentos.</p> <p>Observação do domínio da prática instrumental.</p> <p>Avaliação instrumental.</p> <p>Observação do domínio comportamental</p>
Observações	<p>Esta peça instrumental serviu de elemento de avaliação no 3º Período.</p> <p>Todos os alunos conseguiram tocar a peça. Os três alunos com necessidades especiais estiveram tão bem quanto os outros e é sempre bom quando isso acontece.</p> <p>A avaliação foi feita por mim e tive sempre a preocupação de mostrar ao professor cooperante a nota atribuída aos alunos.</p>

Link 2

 Pág. 32 do manual

1. Identifica os acidentes.



- a. Acidente _____ c. _____
 b. Acidente _____ d. Acidente _____

2. Completa as frases abaixo com as palavras apresentadas.

precaução bequadro fixo Acidente ocorrente

Sinal colocado antes de uma nota ou a seguir à clave, que modifica a altura das notas colocadas na mesma linha ou espaço: _____

O _____ é um acidente que anula a ação dos outros acidentes.

Um acidente de _____ é colocado antes de uma nota, para relembrar a execução dos acidentes fixos.

Um acidente _____ é colocado a seguir à clave (armação da clave), mantendo-se o seu efeito durante toda a composição.

Um acidente _____ é colocado antes de uma nota, alterando todas as notas da mesma altura.

 Pág. 33 do manual

1. Completa as frases.

O bemol (b) é um _____ que faz com que a nota _____ meio-tom.

Na pauta, a nota Si escreve-se _____

2. Escreve as seguintes notas na pauta:

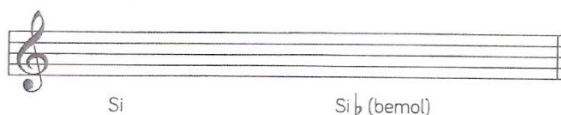


Fig. 21 – Fonte: Retirado do manual 100% Música 6º ano



bo - lo bo - lo bo - lo bo - lo

cho-co-la - te cho-co-la - te cho-co-la - te cho-co-la - te

pão pão pão pão

Fig. 22 – Vocábulo realizados por Joana Almeida

Anexo 4
(Canções do concerto de Natal)

Planos de Aula em par pedagógico

Plano de aula n.º 1

Turmas **_5º A– 5º B–5ºC–5º D**

Duração: 50 minutos

Atividade: Canção	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none">• Regras da sala de aula.• Jogo do maestro.• Timbre vocal
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Recordar as regras da sala de aula.• Obedecer à voz de comando do professor.• Identificar vocalmente uma canção.• Aprender uma canção de Natal.• Prática vocal conjunta.
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Elaborar em conjunto com a turma das regras da sala de aula e copia-las para o caderno diário.• Jogo do maestro com gestos.• Pequeno relaxamento e aquecimento de voz.• Audição da canção “Broas de Mel”. Entoar o ritmo com a letra, e os alunos repetem. Cantar por frases melódicas e os alunos repetem. Visualizar o vídeo da canção. Interpretar a canção com a voz guia da canção. Interpretar a canção apenas com o instrumental.
Sumário	<p>Reflexão em turma sobre a postura em sala de aula.</p> <p>Aprendizagem da canção de Natal “Broas de Mel”.</p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none">• Link do Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=W3IT2UhwvBU• Versão áudio com voz guia e sem voz guia.• Letra da canção em anexo.

Observações	A aprendizagem da canção foi realizada de acordo com a pedagogia de Edgar Willems.
--------------------	--

Plano de aula n.º 2

Turmas: **5º A – 5º B – 5º C – 5º D**

Duração: 50 minutos

Atividade: Canções “Broas de mel” e “Rodolfo era uma rena”	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Timbre vocal
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar vocalmente uma canção. • Aprender uma canção de Natal. • Prática vocal conjunta. • Executar a canção da aula passada. • Executar a Música “Lado a lado”.
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Consolidar a canção “Broas de Mel”. Interpretar com o áudio, primeiro com voz guia e de seguida sem voz guia. • Audição da canção “Rodolfo era uma Rena”. Entoar o ritmo com a letra, e os alunos repetem. Cantar por frases melódicas e os alunos repetem. Visualizar o vídeo da canção. Interpretar a canção com a voz guia da canção. Interpretar a canção apenas com o instrumental. • Execução da música “Lado a lado” com o Karaoke.

Sumário	<p>Continuação do estudo das canções de Natal.</p> <p>Aprendizagem da canção de Natal “Rodolfo era uma rena”.</p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Link do Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=LciLmZkh4bA • Versão áudio com voz guia e sem voz guia. • Letra da canção em anexo. • “Lado a Lado” 20 AULA DIGITAL <p>Áudio © CD1 Faixas 20-21</p> <ul style="list-style-type: none"> • Karaoke 5
Observações	<p>A aprendizagem da canção foi realizada de acordo com a pedagogia de Edgar Willems.</p>

Rudolfo era uma rena (Rudolph the red nosed reindeer)

CD5 - 16-17

20 AULA DIGITAL
PROFESSOR
Karaoke 51



Dó M Sol M

Ru - dol - fo'e-ra'u - ma re - na Com o seu na - riz ver - me - lho____
To - das as re - nas ri - am E não o dei - xavam brin - car____

3 Sol M7 1. Dó M 2. Dó M Dó M7
E que'à noi - te bri-lha va co-mo'um lin-do can-de-ei-ro. "O Lam-pi-ão tens que'a-pa-gar"
E sem-pre'a rir di - zi-am

6 Fá M Dó M ré m7 Sol M Dó M
Mas vei - o o Pai Na - tal____ Nu - ma be - la noi - te fri - a____

8 Ré M7 Sol M lá m7 Ré M Sol M
Viu o Ru - dol - fo tão triste. E quis dar - lhe'u - ma'a - le - gri - a.

10 Dó M Sol M
Pe - diu - lhe p'ró le - var____ Pe - los céus sem-pre'a vo - ar

12 Sol M7 Dó M
E'o na - riz do Ru - dol - fo____ Nun - ca mais dei-xou de bri - lhar.

Fig. 23 – Fonte: Retirado do manual 100% Música 5º ano

Broas de mel já caem do
céu!

Não temos tempo a perder!
Amanhã é Natal e nós ah ah
ah ah

Nós temos tudo por fazer

O pinheiro ideal Vamos ter
de encontrar

Para o enfeitarmos então.
Nem pequeno nem grande,
Tem de ser elegante

P'ra fazermos um figurão!

Ding dong din dong é Natal
Ouço sinos pelo ar

Ding dong din dong é Natal
Não me posso atrasar

Ding dong din dong Ding
dong din dong

Plano de aula nº 1

Turmas: 6º A – 6º B – 6º C – 6º D – 6º E

Atividade: Canção “Oh Christmas Tree”	
Conteúdos / Assuntos	<ul style="list-style-type: none">• Regras da sala de aula.• Jogo do maestro.• Timbre vocal
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Recordar as regras da sala de aula.• Obedecer à voz de comando do professor.• Identificar vocalmente uma canção.• Aprender uma canção de Natal.• Prática vocal conjunta.

Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar em conjunto com a turma das regras da sala de aula e copia-las para o caderno diário. • Jogo do maestro com gestos. • Pequeno relaxamento e aquecimento de voz. • Audição da canção “Oh Christmas Tree”. Entoar o ritmo com a letra, e os alunos repetem. Cantar por frases melódicas e os alunos repetem. Interpretar a canção com a voz guia da canção. Interpretar a canção apenas com o instrumental.
Sumário	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão em conjunto sobre a postura em sala de aula. • Aprendizagem da canção “Oh Christmas Tree”.
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Partitura da canção • Versão áudio com voz guia e sem voz guia.
Observações	A aprendizagem da canção foi realizada de acordo com a pedagogia de Edgar Willems.

Plano 2

Turmas: 6º A – 6º B – 6º C – 6º D – 6º E

Duração: 50 minutos

Atividade: Canção “Oh Christmas Tree”	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none">• Timbre vocal
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Identificar vocalmente uma canção.• Aprender uma canção de Natal.• Prática vocal conjunta.• Executar a canção de Natal aprendida na aula anterior.
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Pequeno relaxamento e aquecimento de voz.• Audição da canção “Jingle Bell Rock”. Entoar o ritmo com a letra, e os alunos repetem. Cantar por frases melódicas e os alunos repetem. Interpretar a canção com a voz guia da canção. Interpretar a canção apenas com o instrumental.• Interpretar a canção “Oh Christmas Tree” com o áudio, primeiro com voz guia e de seguida sem voz guia.
Sumário	<ul style="list-style-type: none">• Continuação do estudo das canções de Natal.
Recursos	<ul style="list-style-type: none">• Partitura das canções.• Versão áudio com voz guia e sem voz guia.• 20 AULA DIGITAL Áudio © CD5 Faixas 20-21• Karaoke 53 – “Jingle Bell Rock”
Observações	A aprendizagem da canção foi realizada de acordo com a pedagogia de Edgar Willems.

Jingle Bell Rock

CD5 · 20-21

PROFESSOR 20 AULA DIGITAL
Karaoke 53



Dó M Lá M ré m

Jin - gle bell jin - gle bell jin - gle bell rock_ Jin - gle bells swing and jin - gle bells ring_

5 ré m7 ré m7 Ré M7 Sol M

Snow - ing and blow - ing up bu - shells of fun_ Now the jin - gle hop has be - gun_

9 Dó M Lá M ré m

Jin - gle bell jin - gle bell jin - gle bell rock_ Jin - gle bells chime in jin - gle bell time.

13 ré m7 Fá M Sol M Dó M

Dan - cing and pran - cing in jin - gle bell square In the fros - ty air_ What a

17 Fá M Ré M7 Dó M

bright_ time_ It's the right_ time_ to rock the night a - way_ Jin - gle

21 lá m Ré M7 lá m Ré M7 Sol M

bell_ time_ It's the swell time_ to go gli - ding in a one horse sleigh_

25 Dó M mi dim Lá M

Gid - dy - up jin - gle horse pick up your feet_ Jin - gle a - round the clock_

29 ré m7 ré dim 7 Ré M7 Sol M7 1. Dó M

Mix and a - min - gle in the jin - gling_ feet_ That's the jin - gle bell rock.

33 2. Ré M7 Sol M7 Ré M7 Sol M7 Dó M

That's_ the jin - gle bell That's_ the jin - gle bell rock.

Fig. 24 – Fonte: Retirado do manual 100% Música 5º ano

Jingle bell, jingle bell, jingle bell rock
 Jingle bells swing and jingle bells ring
 Snowing and blowing up bushels of fun
 now the jingle hop has begun

Jingle bell, jingle bell, jingle bell rock
 Jingle bells chime in jingle bell time
 Dancing and prancing in Jingle Bell
 Square
 In the frosty air.

What a bright time, it's the right time
 To rock the night away
 Jingle bell time is a swell time
 To go gliding in a one-horse sleigh
 Giddy-up jingle horse, pick up your feet
 Jingle around the clock
 Mix and a-mingle in the jingling feet
 That's the jingle bell,
 That's the jingle bell,
 That's the jingle bell. END

Oh Christmas tree – Tradicional (Alemanha)

Faixa 22

1. Oh Christ-mas tree, Oh Christ-mas tree thy lea-ves, are so un - chan - ging. Oh
 2. Oh Christ-mas tree, Oh Christ-mas tree such plea - sure do you bring me. Oh

Christ-mas tree, Oh Christ-mas tree thy lea-ves, are so un - chan - ging. Not
 Christ-mas tree, Oh Christ-mas tree such plea - sure do you bring me. Oh

on - ly green when su - mmer's here but al - so when it's cold and drear. Oh
 e - very year this Christ - mas tree brings to us such joy and glee. Oh

Christ-mas tree, Oh Christ-mas tree thy lea-ves, are so un - chan - ging.
 Christ-mas tree, Oh Christ-mas tree such plea - sure do you bring me.

Fig. 25 – Fonte: Arranjo retirado do manual 100% Música 6º ano

Plano de aula em par pedagógico nº 27

Turma 5º C Data 02/05/2017

Duração: 50 minutos

Atividade: “Dominó”	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Nota Dó grave
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a nota Dó grave na pauta e na flauta; • Executar a nota Dó na flauta; • Executar a música “Dominó”
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Recordar as notas aprendidas: ré grave, mi, sol, lá e dó agudo. Apresentação da nota Dó grave relacionando com o dó agudo, na pauta. • Estudo da nota dó grave na flauta. Exercícios melódicos com as notas aprendidas na flauta de bisel. • Início do estudo do instrumental por pequenas frases melódicas, repetindo até que todos os alunos consigam executar. • Execução integral da peça instrumental “Dominó” com o karaoke 19 da aula digital. • Prática vocal da canção com a letra projetada “Cinderela” e “Playback” de Carlos Paião.
Sumário	<p><i>Apresentação e estudo da nota Dó grave na pauta e na flauta.</i></p> <p><i>Estudo do instrumental “Dominó”.</i></p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 43) • Quadro pautado • Flautas de bisel • Link da canção “Cinderela”: https://www.youtube.com/watch?v=_h3OjR2CwbE • Link da canção “Playback”: https://www.youtube.com/watch?v=eTzYJ6m5zNE • 20 AULA DIGITAL - Karaoke 19

Observações	<p>Esta aula foi lecionada em par pedagógico e decorreu sem a presença do professor cooperante.</p> <p>Ambas as estagiárias estavam receosas por já terem observado o comportamento desta turma nas aulas anteriores.</p> <p>A aula correu como o previsto. Ficamos surpreendidas pela positiva com o comportamento da turma, uma vez que, por norma, as aulas do 5ºc era muito agitadas.</p> <p>Reparamos que a aula fluiu naturalmente, os alunos corresponderam ao que era solicitado, empenhando-se nas atividades propostas.</p> <p>Os alunos saíram ordeiramente da sala após o toque.</p> <p>As estagiárias e a professora que coadjuvava a turma, concluíram que a aula foi muito proveitosa.</p>
--------------------	---

Plano de aula 3

Turmas: 5º A – 5º B – 5º - C – 5º D

Data 16 / 05 / 2017

Duração: 50 minutos

Atividade: “Dias assim”	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Forma ternária
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a forma ternária. • Executar a canção “Dias assim”. • Conhecer o autor da canção. • Conhecer outras canções do mesmo autor.
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Visualização e audição do videoclipe relativo à canção “Amar pelos dois” de Salvador e Luísa sobral, com o objetivo de despertar o interesse e a importância da vitória de Portugal na Eurovisão – Festival da Canção. • Audição da canção “Dias assim” de Boss Ac.

Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Aprendizagem da parte vocal (A) com letra, através da repetição dos vários motivos rítmicos até ficar consolidada. • Aprendizagem da parte melódica (B) através da audição e leitura da melodia por compassos com nome de notas, associada ao ritmo. Os compassos estudados foram repetidos de forma a serem memorizados pelos alunos, de modo a que depois conseguissem executar a melodia na integral na flauta de bisel. • Execução da peça “Dias assim” com a utilização do recurso karaoke da aula digital. • Prática vocal da canção “Sexta-feira (Emprego bom já)” de Boss Ac e da canção “Loucos” de modo a dar a conhecer aos alunos, outros músicos de outras culturas que cantam em língua portuguesa.
Sumário	<i>Interpretação da canção "Dias assim".</i>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 46) • Quadro pautado • Flautas de bisel • Link da canção “Dias assim”: https://www.youtube.com/watch?v=ZuZCkZtt-KQ • Link da canção “Loucos”: https://www.youtube.com/watch?v=Q86lCtj1BYs • 20 AULA DIGITAL - Karaoke 20
Observações	<p>Esta aula foi lecionada pelas duas estagiárias, sendo que a parte vocal ficou a cargo de uma e a parte instrumental assumida pela outra em perfeita sintonia.</p> <p>O professor cooperante esteve presente a assistir à aula e não foram feitas observações pelo mesmo.</p> <p>A turma mostrou-se empenhada, participativa e com um comportamento bastante bom, relativamente ao que é habitual.</p>

Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Consolidação da peça “Dias assim” com a utilização do recurso karaoke da aula digital. • Audição da peça musical “Yankee doodle” através do youtube. • Breve abordagem à biografia e contextualização histórica e musical. • Audição do karaoke relativo à canção. Estudo da parte A e B através da audição e memorização da melodia, tocada por pequenas partes, sendo que a melodia foi sempre executada no teclado e de seguida acompanhada com as flautas. • Execução integral da peça com karaoke, repetindo até ficar consolidação • Prática vocal da canção “Play back” de Carlos Paião.
Sumário	<p><i>Continuação do estudo da canção "Dias assim".</i></p> <p><i>Início do estudo da peça instrumental "Yankee doodle".</i></p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 45) • Quadro pautado • Flautas de bisel • Teclado • Link da canção “Yankee doodle”: https://www.youtube.com/watch?v=ca8va-5JL5U • Link da canção “Playback”: https://www.youtube.com/watch?v=eTzYJ6m5zNE • 20 AULA DIGITAL - Karaoke 20

Yankee doodle

FORMA: INTRODUÇÃO 8 A B INTER 4 A B INTER 4 A B INTER 4 A

CD2 - 30

Fig. 27 – Fonte: Arranjo retirado do manual 100% Música 6º ano

6º Ano

Plano de aula em par pedagógico nº 30

Turma 6º B – 6º C - 6º D Data 03/05 / 2017

Duração: 50 minutos

Atividade: “Chariots of fire”	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Tercina.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a tercina; • Identificar a tercina; • Executar a tercina; • Executar a parte A da peça musical “Chariots of fire”.
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Visualização do videoclip da canção “Chariots of fire”. • Apresentação da tercina e realização de exercícios rítmicos, primeiro com sílaba neutra e de seguida com as sílabas rítmicas sugeridas por Zoltán Kodály. • Início do estudo da parte A da peça “Chariots of fire” através da execução de pequenas células rítmicas ou melódicas, de frases musicais e de seguida toda a parte A, sem karaoke. • Execução da parte A com karaoke.
Atividades / Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Prática vocal com a canção “Dia de folga” da Ana Moura, de modo a despertar nos alunos maior interesse pela música portuguesa atual.

Sumário	<i>Início do estudo da figura rítmica tercina.</i> <i>Estudo da peça instrumental “Chariots of fire”.</i>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p. 45) • Quadro pautado • Flautas de bisel • Link da canção “Dia de folga”: https://www.youtube.com/watch?v=KjN0BoDO_Sw • 20 AULA DIGITAL - Karaoke 20
Observações	<p>Esta aula foi lecionada pelas duas estagiárias em par pedagógico. A aula decorreu sem a supervisão do professor cooperante. Decorreu como previsto, relativamente ao papel da cada estagiária, resultando numa boa interação entre pares.</p> <p>Sendo esta uma turma referenciada, acabamos a aula com a sensação de dever cumprido. Foi agradável sentir que os alunos aderiram as atividades propostas com entusiasmo.</p> <p>Este plano de aula foi aplicado as turmas 6ºB, 6ºC e 6º D – turmas que estavam a cargo do professor cooperante.</p>

Turma 6ºA 6ºC- 6ºD 6E-5ºA-5ºB-5ºC-5D

Duração 50 minutos

Conceito / Tema: ritmo, forma,	
Atividade: “Cirandeiro”	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Movimento e voz
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a canção; • Aprender a dança; • Dançar e cantar ao mesmo tempo, de forma coordenada.

<p>Atividades / Estratégias</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ao fundo da sala, os alunos ouvem a canção e movimentam-se à pulsação. • É exemplificada a sequência de passos da parte A da canção e os alunos repetem. Exemplo: pé direito vai à frente com balanço; regressa e junta ao outro pé; pé esquerdo cruza à frente; o pé direito passa por trás e junta ao esquerdo; de seguida todos parados fletem os joelhos, em forma de “vénia” e regressa à posição inicial; é repetido o passo aprendido até que todos os alunos o consigam executar. • Em roda, é colocada a canção e todos realizam os passos aprendidos. Estes são repetidos até ficarem consolidados. • É colocada a canção novamente e todos os alunos executam o passo. • É ensinado o passo relativo à parte B: girar para a direita e de seguida para a esquerda. Primeiramente é feito a andar e de seguida a saltitar, caso for possível no espaço. • Caso seja possível é formada uma segunda roda, no interior da primeira, que irá replicar a mesma sequência passos mas a começar no segundo tempo da canção. A roda interior gira em sentido contrário da roda exterior. • A dança é executada na íntegra.
<p>Sumário</p>	<p><i>Execução da canção “Cirandeiro”</i></p>
<p>Recursos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Novo manual 6ºano 100% Música (p. 19) • Quadro pautado • Link da canção “Dia de folga”: https://www.youtube.com/watch?v=KjN0BoDO_Sw • 20 AULA DIGITAL <ul style="list-style-type: none"> ▪ Áudio © CD 3 Faixas 4 e 5 ▪ Karaoke

Observações

Esta aula foi lecionada pelas duas estagiárias em par pedagógico.

Em algumas turmas foi possível realizar a dança com as duas rodas em movimento, noutras não, devido ao comportamento da turma, ao ritmo de aprendizagem e ao número de alunos para o espaço disponível para a atividade.

Esta aula de despedida aconteceu exatamente no último dia de aula do 3º período, dia 16 de junho de 2017, tendo tido muita influência no comportamento dos alunos que já se mostravam ansiosos com o final do ano letivo.

Esta atividade foi realizada em todas as turmas do 2ºciclo.

Cirandeiro
Canção popular brasileira

1. 3 *mf* 5
Ó Ci-ran-dei-ro, Ci-ran-dei-ro Ó! A pe-dra do seu a-nei bri-lha mais do que o
sol! Ó Ci-ran-dei-ro, Ci-ran-dei-ro Ó! A pe-dra do seu a-nei bri-lha mais do que o sol! Ó Ci-ran-dei-ro
1. 1.3.3.
Co-mo é ber-ti-bo-ni-lo, meu a-mor can-tar! A ci-ran-ca gi-ral Ó Ci-ran-dei-ro, vem ci-ran-dar! Es-ta ci-
2. *f*
ran-dei-qui me deu foi U-a, que mo-ra na I-lha do I-la ma-ra-cá! Es-ta ci- I-lha do I-la ma-ra-cá!
3. *f*
Ó Ci-ran-dei-ro, Ci-ran-dei-ro Ó! A pe-dra do seu a-nei bri-lha mais do que o sol! Gi-ra Ci-ran-dei-ro
3. *f*
Ó! Bri-lha mais do que o sol! Ci-ran-dei-ro, Ci-ran-dei-ro Ó! Ci-ran-dei-ro, Ci-ran-dei-ro Ó! Ó Ci-ran-dei-ro, Ci-ran-dei-ro Ó!

Fig. 28 – Fonte: Figura retirada do manual 100% Música 6º ano

BANDA DA ARMADA

CONCERTO PEDAGÓGICO



DIA 9 DE MARÇO DE 2017
11.00 HORAS

Fig. 29 – Fonte: Figura cedida pela Banda da Armada Portuguesa

PROGRAMA

ON THE MALL

Edwin Franko Goldman

CARTOON SYMPHONY

Arr. Larry Clark

DISNEY FANTASY

Arr. Nahohiro Iwai

LORD OF THE DANCE

Arr. Frank Bernaerts

MARCHING RECORDERS

Haary Richards

ALTE SWING KAMERADEN

C. Teike

Arr. Koos Mark

PRODÍGIO “Projecto Tartaruga”

Jorge Salgueiro

VIDA DE MARINHEIRO

João Aguardela

Arr. Jorge Salgueiro

Maestro

José Veloso

Primeiro-tenente MUS Subchefe da Banda da Armada

Fig. 30 – Fonte: Figura cedida pela Banda da Armada Portuguesa

Anexo 5
(Anexos Ilustrados)



Fig. 31 – Fonte: Figura do I Encontro de Educação Musical de Cascais



Fig. 32 – Fonte: Filomena Rodrigues - Festa de Natal do Agrupamento



Fig. 33 – Fonte: Filomena Rodrigues (fotografias do pátio da escola).

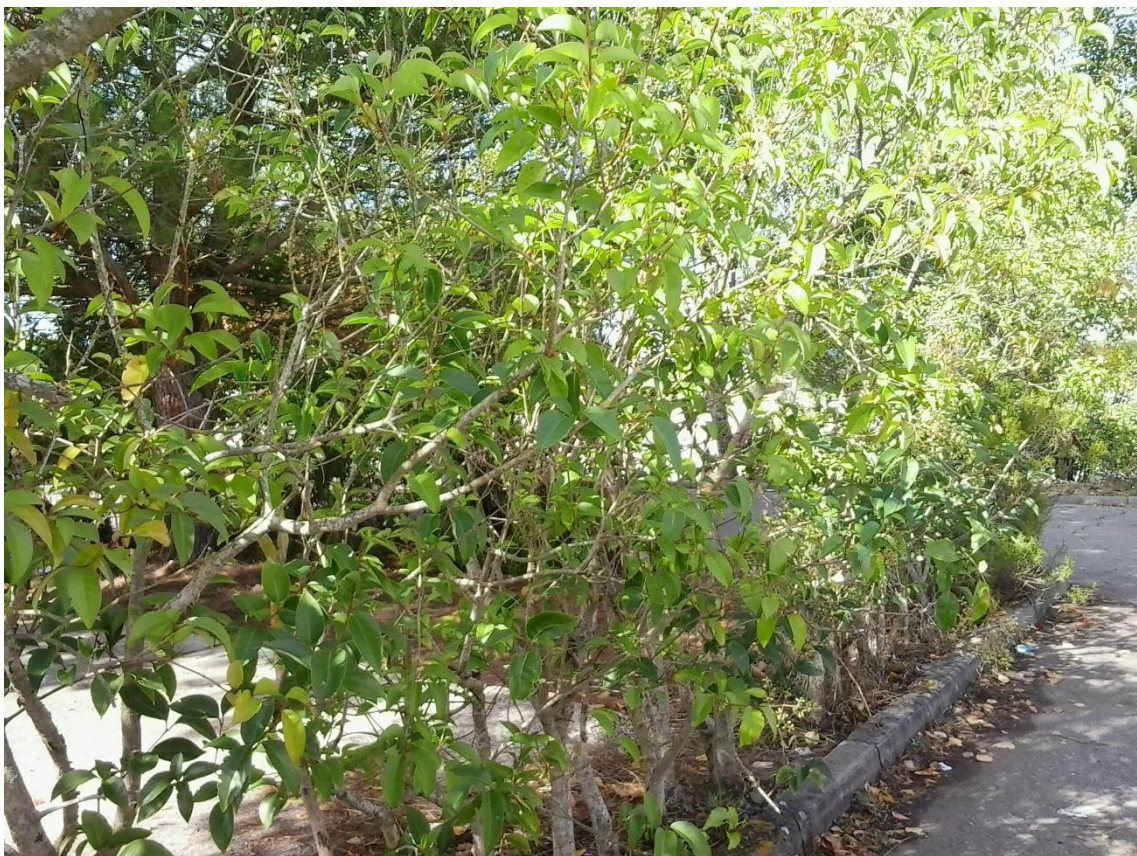


Fig. 34 – Fonte: Filomena Rodrigues (Fotografia do pátio da escola).



Fig. 35 – Fonte: Filomena Rodrigues (Fotografia do interior do bloco onde funciona a sala de educação musical).